



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**ESCOLA DE ENFERMAGEM**

**LORENA DO NASCIMENTO DOS SANTOS**

**REPERCUSSÕES DA PANDEMIA COVID-19 PARA AS MULHERES: UMA  
ANÁLISE MIDIÁTICA**

**SALVADOR**

**2022**

**LORENA DO NASCIMENTO DOS SANTOS**

**REPERCUSSÕES DA PANDEMIA COVID-19 PARA AS MULHERES: UMA  
ANÁLISE MIDIÁTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia como requisito de aprovação para obtenção do grau de mestra em Enfermagem e Saúde na Área de Concentração “Enfermagem, Cuidado e Saúde”, na Linha de Pesquisa “Cuidado à Saúde das Mulheres, Relações de Gênero e Etnicorraciais”.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Jeane Freitas de Oliveira

**Coorientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Andreia Silva Rodrigues

SALVADOR

2022

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),  
com dados fornecidos pela autora.

S237 Santos, Lorena do Nascimento dos.  
Repercussões da pandemia Covid-19 para as mulheres: uma análise  
midiática/Lorena do Nascimento dos Santos. – Salvador, 2022.  
85 f.: il.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Jeane Freitas de Oliveira; Coorientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>.  
Andreia Silva Rodrigues.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Escola de  
Enfermagem/Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde, 2022.

Inclui referências.

1. Enfermagem. 2. COVID-19. 3. Mulheres. 4. Meios de Comunicação de  
Massa. 5. Gênero e saúde. I. Oliveira, Jeane Freitas de. II. Rodrigues, Andreia Silva. III.  
Universidade Federal da Bahia. IV. Título.

CDU 616-036.22:055.2

**LORENA DO NASCIMENTO DOS SANTOS**

**REPERCUSSÕES DA PANDEMIA COVID-19 PARA AS MULHERES: UMA  
ANÁLISE MIDIÁTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde, da Escola de Enfermagem, da Universidade Federal da Bahia (PPGENF/UFBA), como requisito para obtenção do grau de mestra em Enfermagem e Saúde, na Área de Concentração: Enfermagem, Cuidado e Saúde, na Linha de Pesquisa: Mulher, Gênero e Saúde.

**Aprovado em 27 de maio de 2022.**

**BANCA EXAMINADORA**

Jeane Freitas de Oliveira – Orientadora



Doutora em Saúde Pública - Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia (ISC/UFBA)

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Andreia Silva Rodrigues – Coorientadora



Doutora em Enfermagem - Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (EEUFBA)

Centro Universitário Maurício de Nassau (UNINASSAU) e Secretaria Municipal da Saúde de Salvador (SMS/BA)

Maria de Fátima Mantovani - examinadora 1



Doutora em Enfermagem - Universidade de São Paulo (USP)

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Michele Mandagará de Oliveira – examinadora 2



Doutora em Enfermagem e Saúde Pública - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (EERP/USP)

Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (UFPeI)

## AGRADECIMENTOS

*“Senhor meu Deus! Quantas maravilhas tens feito por mim.”*

Em 2019, ao me matricular como aluna especial do Mestrado, na Escola de Enfermagem, da Universidade Federal da Bahia, sabia que ali era o lugar que gostaria de cursar o Mestrado Acadêmico, após muita dedicação e persistência consegui realizar o meu objetivo, no ano de 2020. Todavia, surgiu a pandemia Covid-19. Com isso, deixei de sentir o vento no rosto e visualizar as folhas e flores das árvores pelo caminho ao descer a ladeira para chegar no campus, tudo ali se renovava - gravei um vídeo fazendo o trajeto antes da suspensão das aulas presenciais, e isso me confortou pela possibilidade de “sentir-me” naquele cenário. Em contrapartida, o espaço acadêmico adentrou meu ambiente domiciliar e atravessou a minha rotina. A caminhada foi difícil, mas feliz, porque tive pessoas queridas junto comigo até o final. Assim, dedico esta pesquisa:

À Deus e a todo o universo ao meu redor, sem fé e a sustentação divina, eu não me mantenho de pé e não chegaria até aqui.

Aos meus pais, por sempre acreditarem nos meus sonhos e unirem esforços para concretizá-los. Especialmente, minha mãe, pela dedicação e esmero ao me ouvir em todos os momentos e proporcionar tranquilidade em todo o processo.

Ao meu namorado, por estar ao meu lado, pela confiança e acreditar junto comigo que tudo daria certo.

As componentes do grupo de pesquisa SVDG, por todo o auxílio. Serei eternamente grata pela união e compartilhamento de saberes. Vocês são únicas.

Em especial, a minha orientadora, Professora Dr<sup>a</sup>. Jeane Freitas de Oliveira, pelos ensinamentos e orientações magníficas, pela escuta ativa e contribuição no desenvolvimento do meu potencial. Nunca esquecerei o quão me ajudou. Luz e gratidão.

A minha coorientadora, Professora Dr<sup>a</sup>. Andreia Silva Rodrigues, por aceitar caminhar conosco e contribuir com o compartilhamento de conhecimento neste meu processo acadêmico. Gratidão.

As membras da banca examinadora na qualificação e defesa de dissertação: Professora Dr<sup>a</sup>. Maria de Fátima Mantovani e Professora Dr<sup>a</sup>. Michele Mandagará pela disponibilidade e colaborações com valiosas contribuições acadêmicas.

A suplente Professora Dr<sup>a</sup>. Telmara Couto, por aceitar o convite e pela oportunidade em integrar o grupo de pesquisa Gestar, quando aluna especial do Mestrado Acadêmico.

## **AGRADECIMENTOS AOS ORGÃOS DE FOMENTO**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – código do financiamento 001. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo auxílio e fortalecimento na continuidade dos meus estudos, através da bolsa de mestrado. Assim, tornando possível a conclusão de mais uma etapa na minha formação acadêmica e jornada profissional.

Sabendo que toda pandemia é genericada, racializada e tem classe social, pode-se dizer que a crise do novo coronavírus no Brasil tem cara de mulher preta e periférica e, muitas vezes, deficiente. Ou seja, a pandemia afeta, mesmo que não mate, a base da pirâmide social brasileira.

(PIMENTA, 2020).

## RESUMO

SANTOS, Lorena do Nascimento dos. Repercussões da pandemia Covid-19 para as mulheres: uma análise midiática. 2022. 85f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem e Saúde) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde, Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

A pandemia Covid-19 oportunizou repercussões socioeconômicas, culturais, políticas, de saúde e entre os gêneros para todos os grupos populacionais, entretanto, as mulheres foram mais afetadas pelos efeitos devastadores da crise. No contexto, a mídia teve papel relevante tanto no compartilhamento das informações e na influência para adoção das medidas de proteção e promoção à saúde, quanto na divulgação das implicações de desigualdades e vulnerabilidades intensificadas na vida das mulheres. Trata-se de uma pesquisa documental, qualitativa, com objetivo de conhecer as repercussões da pandemia Covid-19 para as mulheres, a partir de publicações divulgadas pela mídia. Foram utilizadas 81 reportagens, selecionadas no período de março de 2020 a junho de 2021, nas versões digitais do jornal O Globo e no Universo *On-line*. Após o tratamento textual das reportagens, realizou-se a análise dos títulos, por meio do *software* IRAMUTEQ, resultando na formação da nuvem de palavras. Em seguida, o conteúdo das reportagens foram organizados e submetidos à análise de conteúdo por Bardin, com formação de 4 categorias empíricas: 1) Pandemia: agravos para saúde das mulheres; 2) Intensificação das desigualdades de gênero e socioeconômicas; 3) Sobreposição de trabalhos no espaço doméstico; 4) Situações de violências pelo isolamento social. Pode-se evidenciar que o cenário da pandemia Covid-19 modificou estruturas, relações e o significado do cotidiano das mulheres, sobretudo, após a implementação das medidas restritivas. Em consequência, foram afetadas com os impactos de ordem socioeconômica, pelo aumento do desemprego, por serem maioria fora do mercado de trabalho e com risco ao sustento. As evidências indicam maior susceptibilidade às situações e casos de violências de gênero, especialmente doméstica e feminicídios, em decorrência do isolamento social, considerado um potencializador para o aumento das denúncias e pedidos de ajuda. Outro fator agravante, é a intensificação da sobrecarga de trabalho domiciliar e cuidado intrafamiliar diante da permanência prolongada em casa. O acúmulo das funções associadas às condições extremas do trabalho formal, o medo e a exposição da contaminação e restrições de circulação contribuíram para o adoecimento físico e mental das mulheres. Todavia, o acesso aos serviços de saúde e as redes de enfrentamento à violência foram limitados, resultando em barreiras para consultas básicas de saúde sexual e reprodutiva, além de dificultar o rompimento do ciclo da violência. Deste modo, a mídia revelou a intensificação de problemáticas estruturais das situações de vulnerabilidade e das desigualdades de gênero na vida das mulheres, em decorrência das repercussões da pandemia Covid-19. Diante do cenário, foram as mais impactadas pelo agravamento das situações preexistentes e/ou geradas pelo cenário, sob a perspectiva dos distintos contextos, especialmente ao interseccionar raça e classe sob a perspectiva de gênero.

**Palavras-chaves:** Enfermagem. COVID-19. Mulheres. Meios de Comunicação de Massa. Gênero e Saúde.

## ABSTRACT

SANTOS, Lorena do Nascimento dos. Repercussões da pandemia Covid-19 para as mulheres: uma análise midiática. 2022. 85f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem e Saúde) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde, Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

The Covid-19 pandemic created socioeconomic, cultural, political, health and gender repercussions for all population groups, however, women were most affected by the devastating effects of the crisis. In this context, the media played a relevant role both in sharing information and in influencing the adoption of health protection and promotion measures, as well as in disseminating the implications of intensified inequalities and vulnerabilities in women's lives. This is a documentary, qualitative research, with the objective of knowing the repercussions of the Covid-19 pandemic for women, based on publications published by the media. Eighty-one reports were used, selected from March 2020 to June 2021, in the digital versions of the newspaper O Globo and in Universo Online. After the textual treatment of the reports, the titles were analyzed using the IRAMUTEQ software, resulting in the formation of the word cloud. Then, the content of the reports was organized and submitted to content analysis by Bardin, with the formation of 4 empirical categories: 1) Pandemic: problems for women's health; 2) Intensification of gender and socioeconomic inequalities; 3) Overlapping work in the domestic space; 4) Situations of violence due to social isolation. It can be seen that the scenario of the Covid-19 pandemic changed structures, relationships and the meaning of women's daily lives, especially after the implementation of restrictive measures. As a result, they were affected by the socioeconomic impacts, by the increase in unemployment, as they are the majority outside the labor market and at risk to their livelihood. Evidence indicates greater susceptibility to situations and cases of gender-based violence, especially domestic violence and femicides, as a result of social isolation, which is considered a potentiator for the increase in complaints and requests for help. Another aggravating factor is the intensification of the overload of home work and intra-family care in the face of prolonged stays at home. The accumulation of functions associated with the extreme conditions of formal work, fear and exposure to contamination and restrictions on movement contributed to the physical and mental illness of women. However, access to health services and networks to combat violence were limited, resulting in barriers to basic sexual and reproductive health consultations, in addition to making it difficult to break the cycle of violence. In this way, the media revealed the intensification of structural problems of situations of vulnerability and gender inequalities in women's lives, as a result of the repercussions of the Covid-19 pandemic. Given the scenario, they were the most impacted by the aggravation of pre-existing situations and/or generated by the scenario, from the perspective of different contexts, especially when intersecting race and class from the perspective of gender.

**Keywords:** Nursing. COVID-19. Women. Mass Media. Gender and Health.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1	Total de reportagens do jornal O Globo e UOL .....	34
Quadro 2	Categorias empíricas elaboradas a partir da análise de conteúdo das reportagens analisadas .....	37
Quadro A	Descrição das reportagens do jornal O Globo .....	38
Quadro B	Descrição das reportagens do UOL .....	42
Figura 1	Nuvem de palavras gerada pelo software IRAMUTEQ .....	46
Figura 2	Manchete da reportagem do jornal O Globo - Coronavírus: pandemia deve aumentar diferença salarial entre homens e mulheres .....	47
Figura 3	Manchete da reportagem do jornal O Globo - Pandemia faz sete milhões de mulheres deixarem o mercado de trabalho .....	48
Figura 4	Manchete da reportagem do jornal O Globo - Mães da favela: sem renda e sem auxílio do governo, mulheres alimentam suas famílias com doações articuladas pelas comunidades .....	50
Figura 5	Manchete da reportagem do UOL - Mulheres que perderam emprego na pandemia recorrem à prostituição em SP .....	51
Figura 6	Manchete do UOL - Mulheres e negros são os mais afetados pela Covid-19 no Brasil, aponta IBGE .....	52
Figura 7	Manchete do jornal O Globo - Coronavírus: isolamento domiciliar pode aumentar sobrecarga das mulheres .....	54
Figura 8	Manchete do jornal O Globo - Pandemia reforça desigualdade no tempo de convívio entre mães e filhos .....	55

Figura 9	Manchete do UOL - Produção científica de mulheres despenca na pandemia - de homens, bem menos .....	57
Figura 10	Manchete do jornal O Globo - Coronavírus: quatro enfermeiras relatam o cotidiano exaustivo de quem está na linha de frente do combate à Covid-19 .....	58
Figura 11	Manchete do jornal O Globo - Saúde mental: mulheres têm mais risco de apresentar sofrimento psicológico relacionados à Covid-19 .....	59
Figura 12	Manchete do UOL - Inatividade física na pandemia piorou saúde de mulheres entre 50 e 70 anos .....	60
Figura 13	Manchete do jornal O Globo - Morte de grávidas e puérperas por Covid-19 é 78% maior entre mulheres negras do que em brancas .....	61
Figura 14	Manchete do jornal O Globo - Em meio ao aumento da violência sexual na pandemia, grupo luta pelo direito ao aborto legal à distância .....	62
Figura 15	Manchete do jornal UOL - Violência contra as mulheres dispara em todo o mundo na pandemia .....	64
Figura 16	Imagem da reportagem do jornal O Globo - Cinco casos de violência contra a mulher foram registrados por dia em 2020, indica pesquisa em cinco estados .....	65
Figura 17	Imagem da reportagem do jornal O Globo - Brasil registrou uma denúncia de violência doméstica por minuto em 2020 .....	66
Figura 18	Manchete do UOL - Mulheres foram redes de apoio contra a violência doméstica na pandemia .....	68

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

2019-nCoV	Infecção Humana pelo novo Coronavírus
AFC	Análise Fatorial por Correspondência
CHD	Classificação Hierárquica Descendente
COFEN	Conselho Federal de Enfermagem
COVID-19	<i>Corona Vírus Disease</i>
ESPII	Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional
FGV	Fundação Getúlio Vargas
NUAVIDAS	Núcleo de Atenção Integral a Vítimas de Agressão Sexual
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU MULHERES	Organização das Nações Unidas Mulheres
SARS-CoV-2	Síndrome Respiratória Aguda Grave 2
SESAB	Secretaria da Saúde do Estado da Bahia
SG	Síndrome Gripal
SRAG	Síndrome Respiratória Aguda Grave
SPM-BA	Secretaria Estadual de Políticas as Mulheres
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TV	Televisão
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UOL	Universo <i>On-line</i>
UTI	Unidade Terapia Intensiva
IRAMUTEQ	<i>Interface de R pour analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires</i>
IST	Infecção Sexualmente Transmissível

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	17
2.1 Aspectos gerais da pandemia COVID-19 .....	17
2.1.1 Medidas de prevenção: impactos e implicações.....	19
2.2 Aspectos gerais sobre a população feminina na pandemia Covid-19 .....	21
2.3 A mídia como difusora de conhecimento e padrões de condutas.....	25
2.3.1 Mídia e saúde .....	28
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	30
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	30
3.2 FONTE DE DADOS.....	31
3.3 PRODUÇÃO DOS DADOS .....	33
3.4 PROCESSO DE ANÁLISE DOS DADOS.....	35
3.5 PRECEITOS ÉTICOS.....	37
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	37
4.1 Descrição geral das reportagens analisadas.....	38
4.2 Repercussões da pandemia para as mulheres divulgadas na mídia.....	46
4.2.1 Intensificação das desigualdades de gênero e implicações socioeconômicas.....	47
4.1.2 Sobreposição de trabalhos no espaço doméstico.....	53
4.1.3 Pandemia: Agravos para saúde das mulheres.....	58
4.1.4 Situações de violências pelo isolamento social.....	64
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	69
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	71

## 1 INTRODUÇÃO

A pandemia Covid-19 gerou um panorama inesperado que atingiu todos os grupos populacionais, independente da identidade de gênero, raça/etnia, orientação sexual, classe social e área geográfica. No entanto, suas consequências têm classe, gênero e cor bem definidos (GOES; SANTOS; FERREIRA, 2020).

O agravamento do cenário tornou necessário a multiplicação de informações, principalmente por meio das mídias, que tiveram função social ampliada no cenário, servindo como instrumento de transformações devido ao maior interesse de consumo pela população e divulgações em diversos meios de comunicação, especialmente, em jornais de grande circulação, com discussões e abordagens sobre a pandemia na vida das mulheres (FORNARI *et al.*, 2021).

As medidas preventivas para o controle da pandemia, dentre elas o isolamento social, vem repercutindo no modo de vida das pessoas, sobretudo para as mulheres. Como evidenciado em pandemias e epidemias sucedidas no curso da história da humanidade, a exemplo o surto do Ebola, com reflexo em mudanças na rotina, acesso limitado aos serviços de saúde, aumento dos índices de violências contra as mulheres, neutralidade nas políticas públicas em termos de gênero, e maior exposição a doenças, principalmente, por serem a maioria no cuidado direto as pessoas doentes e não doentes em tempos de crise (WENHAM; SMITH; MORGAN, 2020).

As crises humanitárias, econômicas ou sanitárias, comumente, colocam mulheres no centro dos grupos mais afetados em emergências de saúde pública (BARROSO; GAMA, 2020). Assim, para mulheres a pandemia expôs as relações de poder assimétricas, ampliou o tempo de convivência com o agressor, aumentando os índices de todo tipo de violência e situações de vulnerabilidades com agravos sociais e na saúde, inclusive de contágio e morte pela Covid-19 (VASCONCELOS, 2020; LIRA *et al.*, 2020).

Nesse contexto, a mídia contribuiu como facilitador no desenvolvimento de comunicação informativa durante tantas restrições das relações e adaptações ao cenário em detrimento de questões sociais, matrimoniais e maternas (SILVA; VELOSO; SÁ, 2020). De modo geral, a pandemia evidencia a redução do acesso pelos direitos humanos, retrocesso na justiça social e de gênero, além da constante luta para superar as relações de poder historicamente construídas e os desafios de natureza econômica, social e política (BARBOSA *et.al.*, 2020).

Com a pandemia as mulheres enfrentam consequências socioeconômicas devastadoras, principalmente pela maior propensão ao risco de violências, sobretudo conjugal, desemprego, falta de acesso aos serviços de saúde, aumento da pobreza e contaminação por doenças (OKABAYASHI *et al.*, 2020; MOREIRA *et al.*, 2020; XUE *et al.*, 2020).

Esses dados revelam situações prévias de marginalização negligenciadas pelas desigualdades sistêmicas, assim como a desconexão das experiências de outras crises que expuseram realidades estruturais, iniquidades e fraquezas dos sistemas socioeconômicos e de saúde fundamentais para enfrentá-las (JOHN *et al.*, 2020).

Deste modo, confirmam o pensamento de Simone de Beauvoir de “que basta uma crise política, econômica ou religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados” (BEAUVOIR, 1949), evidenciando as crises no mundo, especialmente, no Brasil, que é marcado por corpos suscetíveis à vulnerabilidade por desigualdades das estruturas sociais e de gênero (BARBOSA *et.al.*, 2020).

Diante disso, a mídia oportunizou reflexões estratégicas de atuação e intervenção política através de discussões pertinentes do quão o retrato das problemáticas estruturais tende a ampliar quando direcionado e experienciado por mulheres. É, portanto, um espaço de compartilhamento de pautas plurais, que por sua vez, tem visibilidade com potencial dinâmico e inovador em ações difusoras de ideias, mobilização e organização sociais em relação à representação de mulheres sobreviventes nesse cenário (BORTOLON; MALINI; MALINI, 2015). Tornando-se essencial a verificação de dados e estudos que contemplem para além das limitações biológicas, explorando a visão social relacionada a pandemia veiculada na mídia (VILELLA; NATAL, 2014).

Historicamente, os pilares econômicos e sociais permeiam divergências entre a multiplicidade de marcadores sociais configurados em precariedade das condições de vida, saúde e violência com propensão a maiores riscos para as mulheres que carregam as repercussões emocionais, econômicas, na segurança, liberdade e de autonomia mais severas durante a pandemia Covid-19. São elas que, majoritariamente, sobrevivem às limitações das estruturas sociais e disparidades raciais e de gênero que outrora acentuam outros riscos, uma vez que, a pandemia não se restringe apenas às questões epidêmico-biológicas (MOREIRA *et al.*, 2020).

A presença da mulher na mídia, muitas vezes, associou-se a um corpo silenciado por vozes alheias com direcionamento a protocolos do que configura ser mulher. Essa representação durante a pandemia deu lugar as narrativas das condições subalternas de sobrevivência frente a uma crise, em que cuidar de si, e do outro é crucial para superar

esta fase, recaindo desproporcionalmente sobre as mulheres dado papel que desempenham em suas famílias e comunidades, principalmente pelas tarefas do cuidado (BARROSO; GAMA, 2020).

Assim, no meu contexto de vida, ficou perceptível a sobrecarga de trabalhos para as mulheres na dinâmica familiar, com interposição dos serviços domésticos e cuidados a outras pessoas, principalmente crianças e idosos, além das atividades laborais e acadêmicas.

O desemprego e a dificuldade de exercer o trabalho considerado informal foram recorrentes devido às regras de isolamento social e mudança na rotina dos espaços, seja do vínculo empregatício ou das ruas. Nesse momento, mulheres do meu ciclo de convivência começaram a queixar-se de ansiedade, estresse, cansaço, sensação de pânico, insônia e, apresentar ganho e/ou perda de peso excessivo. A mídia também começou a divulgar essas situações.

No cenário tive a primeira oportunidade de inserção no mercado de trabalho, em um hospital de referência no tratamento à Covid-19, como enfermeira *trainee*. Experimentei um misto de sentimentos: alegria pelo primeiro emprego, mas também medo, estresse, angústia pela proximidade com o novo coronavírus e com o risco de contaminação. E, antes de completar o primeiro mês, durante o plantão, surgiram os primeiros sintomas de ansiedade com crises ininterruptas e o resultado positivo para a Covid-19.

Em meio a esse contexto, meus pais se contaminaram, aumentando ainda mais os sintomas de ansiedade e angústia. Nesse período inicial da pandemia, profissionais de saúde eram considerados pela mídia como heroínas/heróis, coisa que não somos. Somos humanos, profissionais com necessidades de reconhecimento sim, mas também de boa remuneração e condições de trabalho.

Desse modo, instigada pela experiência pessoal e profissional, na linha de frente a Covid-19, e respaldada na literatura científica, surgiu como motivação para o presente estudo questões que assolam a vida de mulheres no contexto de uma crise humanitária e sanitária repentina, considerando a singularidade de experiências e causas multifatoriais às vulnerabilidades.

Isto posto, emergiu o seguinte questionamento: Quais as repercussões da pandemia Covid-19 para mulheres? A complexidade dessa questão exige diversas investigações, com distintas abordagens, em diferentes cenários e fontes de dados. Nessa perspectiva, reconhecendo o importante papel da mídia na disseminação de informações,

delineou-se como objetivo: Conhecer as repercussões da pandemia Covid-19 para mulheres a partir de publicações divulgadas pela mídia.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

Diante do objetivo proposto e do objeto de investigação: repercussões da pandemia Covid-19 para as mulheres na mídia, esse capítulo aborda informações relacionadas à pandemia, as mulheres e a mídia.

### 2.1 Aspectos gerais da pandemia COVID-19

Em dezembro de 2019, a mídia divulgou o surto de um novo coronavírus da Síndrome Respiratória Aguda Grave 2 (SARS-CoV-2), na cidade de Wuhan, na China. Desde então, a propagação do vírus se deu de maneira exponencial atingindo em curto tempo todos os países dos diversos continentes. Diante da rápida disseminação global da doença pela alta transmissibilidade e ausência de vacina ou terapêutica específica, em 03 de fevereiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) em decorrência da Infecção Humana pelo novo Coronavírus (2019-nCoV) (WU *et al.*, 2020, BEZERRA *et al.*, 2020; FARIAS, 2020).

Sua transmissão é decorrente da interação humana, por meio de gotículas, tosse, espirros, saliva e aperto de mãos ou objetos e superfícies contaminadas com subsequente contato com mucosas. O tempo de incubação entre a exposição ao vírus e o início dos sintomas pode variar de dois a catorze dias e sua propagação pode ocorrer antes do início dos sintomas por indivíduos assintomáticos. Os sintomas variam de Síndrome Gripal (SG) que incluem febre, tosse, fadiga e mialgias podendo ser acompanhados por secreções respiratórias, dor de cabeça, hemoptise e diarreia, e as complicações que podem levar a Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG), lesão cardíaca ou renal, infecção secundária e choque (XAVIER *et al.*, 2020; BRASIL, 2020).

Na América Latina, o primeiro caso notificado ocorreu na cidade de São Paulo, no dia 26 de fevereiro de 2020. Tratava-se de um homem de 61 anos que teve passagem pela Itália no período que havia aumento expressivo de casos (G1, 2020a). No dia 6 de março de 2020, surge o primeiro registro da doença no estado da Bahia. Dessa vez era uma mulher, residente do município de Feira de Santana, que também havia retornado da

Itália com passagens por Milão e Roma. Tornando a Bahia o primeiro estado do Nordeste a notificar casos de coronavírus e o quarto do Brasil (G1, 2020b; BAHIA, 2020a).

No dia 07 de março de 2020, a Secretaria da Saúde do Estado da Bahia (SESAB) notificou o segundo caso de transmissão da doença no estado da Bahia. As informações divulgadas pela mídia mostraram claramente que, diferente dos anteriores, esse contato se deu no local de trabalho, uma vez que, a pessoa contaminada foi a trabalhadora doméstica que atuava na casa da mulher que havia se contaminado numa viagem internacional. Em continuidade a cadeia de transmissão, no dia 11 de março de 2020, foi notificado pela SESAB, divulgado pela mídia, o terceiro caso de Covid-19 na Bahia, dessa vez, a genitora da trabalhadora doméstica (BAHIA, 2020b; BAHIA, 2020c). E assim, a Covid-19 se espalhou e continua se espalhando na Bahia, no Brasil e no mundo, sinalizando desigualdades sociais e vulnerabilidades para grupos e pessoas vulneradas.

Diante do número crescente de casos registrados diariamente em todos os países, o diretor-geral da OMS no dia 11 de março de 2020, designou a Covid-19 como uma pandemia (PAHO, 2020). O conceito moderno para pandemia é de uma epidemia de doenças com grandes proporções de disseminação mundial. Historicamente, outras pandemias foram vivenciadas pela humanidade como varíola, sarampo durante séculos, e a cólera por décadas. Além das pandemias gripais, como exemplos de H1N1 em 1918 e H5N1 nos anos 2000, respectivamente, denominadas como “gripe espanhola” e “gripe aviária”, constatando nesses momentos que as desigualdades sociais determinam as taxas de propagação e severidade das doenças (SOUZA, 2020).

O panorama exigiu medidas enérgicas nas ações e adaptações de governos e sociedades de todo o mundo diante de um cenário não previsível que vem deixando consequências na vida de milhares de pessoas (IPEA, 2020). Mundialmente, o número de infectados ultrapassa os 521 milhões de pessoas, com mais de 6 milhões de mortos até o dia 14 de maio de 2022. No Brasil, no mesmo período, somam-se aproximadamente 31 milhões de infectados pela doença, com total de 664 mil mortes (BRASIL, 2022).

A pandemia Covid-19 levou autoridades de âmbitos federal, estadual e municipal em todo mundo a instaurarem critérios com medidas excepcionais de controle e prevenção rigorosos para o enfrentamento da doença, incluindo um plano de contingência. Uma das estratégias adotadas pela OMS foi a comunicação com a população, através da imprensa, com orientações para a vigilância, disponibilização de boletins diários e entrevistas coletivas, propiciando transparência nas informações e agilidade nas ações de resposta (OLIVEIRA *et al*, 2020).

### 2.1. 1 Medidas de prevenção: impactos e implicações

Diante das características do vírus e das modalidades de transmissão, foram definidas como medidas de prevenção: higienização das mãos, prioritariamente com água e sabão, ou com álcool em gel; a “etiqueta respiratória”, ou seja, cobrir o nariz e a boca ao espirrar ou tossir; o distanciamento social para evitar transmissão entre as pessoas; não compartilhamento de objetos de uso pessoal; e manter a ventilação nos ambientes; uso de máscara como barreira da disseminação da doença. Essas medidas passaram a ser amplamente divulgadas na mídia em suas diversas modalidades de comunicação (OLIVEIRA *et al.*, 2020).

Ademais, foi recomendada a restrição domiciliar compulsória como principal estratégia para diminuição da propagação do vírus, pelo movimento mundial “*stay home*” criado pela OMS, popularmente conhecido como “fique em casa”. Abrange o isolamento de casos leves ou assintomáticos, a quarentena dos contatos e a prática voluntária de não frequentar ambientes com aglomerações de pessoas; aumento do número de exames para detecção da Covid-19 (PEREIRA *et al.*, 2020). A mídia abraçou a campanha “fique em casa” com divulgação nas redes de televisão, rádio, jornais, revistas, outdoor, entre outras.

Além dessas medidas, foram adotadas também, protocolos de medidas que envolvem a atenção hospitalar para indivíduos infectados pela doença em situações de gravidade, com abertura de hospital e leitos para tratamento da doença; suspensão de transportes públicos e viagens para limitar circulação de pessoas; fechamento de escolas, universidade, locais de atividades dos serviços não essenciais, de entretenimento, de eventos esportivos e culturais (G1, 2020c; UOL, 2020; BRASIL, 2020a; BRASIL, 2020b). As propagações dessas medidas foram e ainda continuam sendo amplamente divulgadas pela mídia em suas distintas modalidades com questionamentos, críticas e levantamento de opinião da população.

Na Bahia, leis e decretos propostos por governantes da esfera estadual e municipal, estabeleceram as medidas com algumas variações nos municípios visando atender demandas locais. Em Salvador, as medidas incluíram também ações sociais voltadas para alimentação como vale estudantil e doação de cestas básicas; isenção temporária de contas de água pela lei 23.812/2020; implantação de dois centros de acolhimento para pessoas em vulnerabilidade social com diagnóstico confirmado de Covid-19; distribuição de sabonetes promovida pela Secretaria Estadual de Políticas as Mulheres (SPM-BA), para coletivos, organizações e associações de mulheres, mulheres

em privação de liberdade, parturientes de alta hospitalar das maternidades públicas, além das pacientes do hospital da mulher (BAHIA, 2020d).

Dentre as medidas recomendadas, o isolamento social teve influência direta no cotidiano da vida das pessoas em todas as vertentes, como: trabalho, educação, lazer, e as relações interpessoais em geral, com impactos econômicos, sociais e culturais (BEZERRA, 2020). A estratégia tem demonstrado efetividade no controle da propagação da doença, resguardando os sistemas de saúde de um colapso devido a uma demanda muito maior do que a oferta, principalmente quando se trata de leitos de Unidade Terapia Intensiva (UTI) (FERGUSON *et al.*, 2020).

Além dessas medidas, em 2020 a grande expectativa era para definição de uma vacina. A mídia notificou diariamente os avanços e retrocessos de diversos laboratórios, pesquisadoras/es, inclusive do Brasil, na busca de encontrar uma vacina eficaz e eficiente no combate ao coronavírus. A sequência genética do vírus divulgada precocemente em 11 de janeiro de 2020 desencadeou intensa atividade global de pesquisa para desenvolver uma vacina contra a doença. No Brasil, as cientistas brasileiras Ester Sabino e Jaqueline Góes de Jesus, em 48 horas, sequenciaram o genoma do coronavírus, no primeiro caso da doença confirmado no Brasil (FREDERIKSEN *et al.*, 2020).

Desse modo, com o trabalho árduo em tempo recorde e efetividade da pesquisa científica, o primeiro lote das vacinas anti-covid chegou ao território nacional no dia 19 de dezembro de 2020, mesmo diante de discursos proferidos abertamente na mídia pelo líder político do Brasil, que desestimulava a imunização criando dúvidas em relação a sua eficácia (CNN, 2020; BBC, 2021). Nesse contexto, no dia 17 de janeiro de 2021, a enfermeira da linha de frente do combate a Covid-19, Mônica Calazans, representou a primeira vacinada em campanha no país. Uma representatividade grandiosa para a enfermagem diante de tantas vidas perdidas para a doença (G1, 2021).

O panorama global da vacinação permaneceu em evidência na mídia, com destaque para o Reino Unido conquistando o primeiro lugar no *ranking* global de doses aplicadas da vacina a cada 100 habitantes, na posição 56º encontra-se o Brasil. A diferença da taxa de distribuição desigual e doses aplicadas em países desenvolvidos e subdesenvolvidos são incomparáveis, segundo o diretor-geral da OMS, resultará em piora econômica e epidemiológica. Os governos estão na corrida para vacinar toda a população, no entanto, ainda há a falsa segurança, dado que a transmissão incontrolada nos diversos países do mundo estimula o surgimento de novas variantes e a possibilidade de superar os imunizantes (CNN, 2021, FOLHA, 2021).

Entretanto, é importante salientar que além da vacinação, os efeitos da crise nos impactos socioeconômicos também constituem fatores limitantes para adesão e implantação das medidas de prevenção e proteção. Ademais, as repercussões biopsicossociais e econômicas ocasionadas pela pandemia aumentam as vulnerabilidades para pessoas em distintos contextos, incertezas, riscos de contaminação gerando quadros de caráter psicológico e estresse que desencadeia desordens psiquiátricas, perda da autonomia e agravamento de quadros patológicos preexistentes (CANUTO *et al.*, 2020).

Nesse contexto, a população pobre, dada à ausência e/ou insuficiência de recursos, estratégias de prevenção e/ou tratamento da doença nos seus cotidianos, têm dificuldade em manter o isolamento social que reverbera em perda de emprego e renda, além do menor acesso à serviço de saúde e saneamento básico de qualidade em áreas periféricas (PIRES; CARVALHO; XAVIER, 2020). Portanto, as condições são danosas e desafiantes aos grupos de menor renda para efetivação da medida, comumente, formado por famílias numerosas que residem em um único cômodo, aumentando a exposição da Covid-19; uso com frequência o transporte público; menor acesso ao saneamento básico e saúde; além das dificuldades de manterem o isolamento social devido suas características de emprego e renda (PIRES; CARVALHO; XAVIER, 2020).

As especificidades dos grupos em vulnerabilidade social, por exemplo, é reconhecer que higienizar as mãos, usar álcool em gel e adotar medidas de segurança difíceis de serem seguidas, principalmente em locais com falta de saneamento e infraestrutura básica. Em detrimento, estão as pessoas em situação de rua, que são naturalmente suscetíveis à infecção pela maior exposição diante das condições de vulnerabilidade social que sobrevive e pelo desafio da efetividade das políticas públicas de acesso ao sistema de saúde (FARIAS, 2020; HONORATO; OLIVEIRA, 2020).

Outro efeito da pandemia consistiu na remodelação do panorama da educação mundial também teve grande modificação na necessidade de reinvenção do método de ensino-aprendizagem de forma remota em consonância com adaptações ao uso de tecnologias. Nesse contexto, a internet tornou-se uma ferramenta de manutenção para as relações interpessoais, de aprendizado, de trabalho e outras resoluções do cotidiano (SHARMA, 2020; BEZERRA, 2020). Assim, o ambiente de trabalho passou a integrar o ambiente virtual em regime de *home office*, modificando a rotina das pessoas, sobretudo das mulheres.

## 2. 2 Aspectos gerais sobre a população feminina na pandemia Covid-19

A população feminina no Brasil é a mais infectada pela Covid-19. Conforme estudo das informações clínicas e demográficas, de 28.854 brasileiros diagnosticados com covid-19, no período de 26 de março a 25 de maio 2020, constatou que 56% dessas pessoas eram mulheres, com idade média de 44 anos (NASCIMENTO *et al.*, 2020). No Estado da Bahia, do total de casos confirmados até 25 de março de 2021, 54,98% foram do sexo feminino (BAHIA, 2021). Estudo publicado revelou que do início da pandemia até 18 de junho de 2020, foram notificadas 160 mortes de grávidas e puérperas em todo o mundo por Covid-19, sendo 124 delas no Brasil. Esses números apontam que o país é responsável por 77% das mortes mundiais (FIOCRUZ, 2020; TAKEMOTO *et al.* 2020).

A pandemia Covid-19 põe em risco de retrocesso os ganhos limitados das esferas da saúde, educação, economia e segurança para mulheres, simplesmente por conta do gênero. Diante dessa preocupação, um mês após a OMS declarar que o mundo passava por uma nova epidemia, a Organização das Nações Unidas Mulheres (ONU Mulheres) emitiu documento com recomendações e diretrizes prevendo implicações para mulheres e meninas, diante da pandemia da Covid-19. Nessa perspectiva, recomendou atenção para o acesso a serviços pelo elevado índice de violência doméstica e sexual, garantia da oferta dos serviços de saúde sexual e reprodutiva (ONU MULHERES, 2020).

A pandemia vem afetando severamente a vida de todas as pessoas e, em especial das mulheres, em diferentes espaços da sociedade, pois embora seja uma pandemia global de saúde, também representa uma crise econômica. Estima-se que 70% das mulheres estão na informalidade, com escassas proteções empregatícias, auxílio à saúde e pouco acesso às políticas sociais (GUEDES; ALVES, 2016; ONU MULHERES, 2020), tornando-se necessário repensar políticas e procedimentos que atendam às necessidades de mulheres como elemento indissociável nesse avanço da pandemia.

De modo geral, para as mulheres, qualquer crise que resulte em perda ou redução de renda gera impactos sem precedentes pelo histórico de ganhar menos, ter menos acesso a benefícios previdenciários, serem chefes de famílias monoparentais, além de representar a maioria no trabalho informal (MOREIRA, 2020; DAVIES; BENNETT, 2016). E, em momentos de crise subsidiam mais obrigações, incluindo o serviço doméstico, a exposição e susceptibilidades às doenças pelo cuidado aos doentes e exaustão (PIMENTA, 2020). Conseqüentemente, para muitas, cumprir o isolamento social é um desafio cotidiano, uma vez que se encontra em interseccionalidade de situação de vulnerabilidades, tais como: fome, violência, desemprego e desesperança.

Um dos efeitos imediatos da pandemia para as mulheres foi a sobrecarga oriunda de uma dinâmica para conciliar o trabalho no espaço público e privado, sem ajuda de

terceiros. No núcleo familiar, o trabalho é ininterrupto, dividido entre atividades domésticas e o cuidar da família, que é perpassado por ensinamentos que condicionam as expectativas sociais e subjetividades, por vezes, exclusivo ao público feminino (MOREIRA, 2020; DAVIES; BENNETT, 2016).

E, com crianças fora das escolas devido à suspensão das aulas e fechamento de creches, a distribuição de recursos nos lares foi desestruturada. Além da perda de conexão com outras mulheres de apoio à rede comunitária, principalmente avós, que contribuem para o cuidado a crianças e nesse momento devido ao distanciamento social estariam em risco por conta do vírus (BARROSO; GAMA, 2020).

A perda do elo com outras mulheres dificultou a quebra do ciclo da violência, além da implicação em realocação de recursos devido à pandemia que por ora prejudicou políticas sociais e serviços de atendimento especializado (CORTES *et al.*, 2020; MOREIRA, 2020; SANTOS *et al.*, 2020; PONTE, 2020). Nesse contexto, a pandemia, em suas diversas vertentes, tem acentuado situações de vulnerabilidade e adoecimento mental, sobretudo para as mulheres (FARO *et al.*, 2020). Em tempos de pandemia constata-se o aumento ou desencadeamento de exaustão física, emocional e adoecimento pela maior exposição de mulheres as situações propulsoras, bem como, a desigualdade no acesso a direitos básicos de prevenção, reprodução e promoção à saúde (VASCONCELOS, 2020; SOUZA; SOUZA; PRACIANO, 2020).

Em dados divulgados pelas ONU Mulheres (ONU MULHERES, 2020), o cenário do combate a Covid-19 é representado, em média, por 70% de mulheres profissionais da saúde atuantes na linha de frente. Deste modo, constitui elementos favoráveis para o aumento da sobrecarga e adoecimento feminino, sobretudo pelo cuidado com outras pessoas, seja no âmbito formal ou informal, público ou privado. Embora representem a maior parte da força de trabalho, apenas 25% dos cargos de liderança em organizações humanitárias são ocupados por mulheres. Não há equilíbrio nas posições de liderança, resultando em especificidades não priorizadas e falta de inclusão na tomada de decisões e respostas frente à crise (SHARMA *et al.*, 2020; BBC, 2020).

A associação do trabalho doméstico com o trabalho remunerado, na condição de profissional de saúde, amplia vulnerabilidades para as mulheres, sobretudo para as negras. Pesquisa realizada pela FGV (Fundação Getúlio Vargas), com 2.138 profissionais de saúde, divulgada em agosto de 2020, no *Facebook*, mostrou que a pandemia intensifica as desigualdades de gênero. Na referida pesquisa o maior contingente de profissionais é composto por mulheres, nas categorias de Enfermeiras e técnicas de Enfermagem, de raça/cor negra. De acordo com as entrevistadas, somam-se ao aumento da demanda

profissional a sobrecarga de tarefas nos cuidados de casa e com a família, permeado por “ausência prolongada de casa, dificuldades sobre com quem deixar os (as) filhos(as) para trabalhar ou medo de contaminar suas próprias famílias com a doença” (LOTTA *et al.*, 2020).

Entre os profissionais de saúde, as Profissionais de Enfermagem, representam aproximadamente 2,2 milhões no Brasil, atuando em condições não equalitárias e estando na linha de frente no cuidado, independentemente do tipo de situação de saúde, seja pandêmica ou não. A Enfermagem soma 85% das mulheres, que apesar da sobrecarga do cenário pandêmico de sobrevivência, diante de uma jornada excessiva de trabalho que se estende para o ambiente doméstico, são fundamentais nesse processo, demandando ações estratégicas que garantam cuidados essenciais e enfrentamento do impacto da pandemia na efetividade de respostas à saúde (MONTEIRO; CURADO, 2016)

O processo de trabalho da Enfermeira não é restrito a habilidades técnicas; envolve também conhecimento científico, sentimentos e emoções. Na pandemia, o desgaste físico e mental diante da sobrecarga de trabalho é comum entre estas trabalhadoras, principalmente pela constante situação de morte, condições insalubres de trabalho, jornada e ritmo de trabalho intenso, medo de infectar-se ou de transmitir a doença, entre outros fatores estressores no ambiente de alta transmissibilidade viral, o qual exige cautela, paramentação e desparamentação rigorosas conforme recomendação científica (MIRANDA *et al.*, 2020). Segundo o Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), do total de óbitos registrados, um terço das mortes por Covid-19 são de profissionais da Enfermagem (COFEN, 2021).

Concomitante a isso, 20% das mulheres referem dificuldade na conciliação das demandas do trabalho formal e cuidado com os filhos, em razão do fechamento das escolas e creches. De modo geral, o trabalho domiciliar e o cuidado intrafamiliar proveu exaustão e sobrecarga no cenário, visto que, historicamente, cabe as mulheres responsabilidades pelas demandas domésticas. Com a permanência prolongada em casa, pesquisa realizada em abril de 2020 indicou que 62% das pessoas entrevistadas relataram estresse com o trabalho remoto, principalmente pelo aumento de carga horária e sobreposição de tarefas (LEMOS; BARBOSA; MONZATO, 2020).

Nos locais mais pobres estão os aglomerados de trabalhadores e trabalhadoras que compõem os serviços prioritários em momentos de pandemia. Em geral, sobrevivendo a políticas sociais e vínculos empregatícios frágeis sem possibilidade de negociações. Com a paralisação de atividades produtivas, o cenário agravou-se, resultando em desemprego com subsequente aumento da informalidade. Haja vista, o processo de trabalho informal

e autônomo que corresponde a 37,7 milhões de pessoas. Tornando as condições ainda mais vulneráveis nesse cenário de incertezas, principalmente por não ter direitos destinados às formalidades empregatícias, além da responsabilidade de deter quase todos os meios de produção (COSTA, 2020; G1, 2020b).

### 2.3 A mídia como difusora de conhecimento e padrões de condutas

Os meios utilizados para a transmissão da comunicação tem potencial para atingir boa parte da população, sendo assim, particularmente, os jornais são meios de comunicação de massa que permitem transmissão de conteúdo para um grande número de pessoas por meio de veículos adequados. O aumento no fluxo de informações tem grande potencial de influência na formação da opinião, nesse contexto a mídia. O retrato social em que a experiência cotidiana é cada vez mais “midiática”, a mídia torna-se um espaço privilegiado de subjetivação, produção de modos de pensar e de condutas (CADEMARTORI; NETO, 2013).

Durante anos, o jornalismo está diretamente associado ao surgimento e avanço de tecnologias, desde a imprensa por meios móveis, telefone, rádio, televisão e computadores, até a globalização da internet. Em 1990, os jornais digitais disponíveis por meio da internet configuraram-se em mais um meio de sinergia de informação do conteúdo dos jornais impressos. Dessa maneira, a mídia no meio digital tomou amplitude e, hoje, permite a transmissão simultânea de informações por textos, imagens e vídeos; e a interatividade contribui que o leitor complemente a informação de forma instantânea, visto que, no meio virtual, a informação acumula, circula mundialmente e permanece (SILVA *et al.*, 2020; FARIA; ROLIM; DONALÍSIO, 2020).

Este “novo paradigma comunicacional” das mídias e as plataformas digitais interagem e influenciam a sociedade com estratégias diárias, não se limitando apenas a meros mediadores ou espaços distintos, mas compreendendo-se como lugar estratégico frente à rotina das pessoas, corroborando na interatividade, hipertextualidade e multimídia, atualizações instantâneas, espaços para expor opiniões públicas frente à dos jornalistas (FRANÇA; RABELLO; MAGNAGO, 2019; FARIA; ROLIM; DONALÍSIO 2020). Desse modo, a introdução de tecnologias na esfera social caracteriza-se como um fator relevante diante do importante papel na formação de opinião, difusão de conteúdo sobre a saúde e recomendações para a sociedade (SILVA; SOARES, 2018; ASSIS; SANTOS; MIGOWSKI, 2020).

A mídia tem importante papel na divulgação sobre variadas temáticas, por possuir grande influência na opinião social através da publicação de notícias, visto que, boa parte da população tem a mídia como principal fonte de informação, incluindo conteúdos relacionados à saúde que são cada vez mais frequentes nas seções fixas dedicadas à temática, referem ser um dos assuntos de maior demanda dos conteúdos midiáticos de jornais com grande circulação. A apropriação de um objeto pelos meios de comunicação de massa é um indicador da sua relevância sociocultural veiculando conteúdos, ideias e práticas que já fazem parte da realidade social (COQUEIRO; OLIVEIRA; FIGUEIREDO, 2019; SOUSA; SANTOS; APOSTOLIDIS, 2020).

As respostas da mídia às epidemias têm sido cada vez mais objeto de estudos. A cobertura na mídia e o amplo acesso das tecnologias móveis permitem que muitas pessoas recebam atualizações diárias e simultâneas a respeito da pandemia, de forma rápida e regular no acompanhamento de eventos severos ligados à saúde humana. A vasta divulgação e rápidas modificações das informações científicas, bem como, suas implicações na vida das pessoas, repercutiram na alta acessibilidade da mídia utilizada para informar a dinâmica das infecções e reforçar medidas de controle e prevenção ao público (BAZÁN *et al.*, 2020). Os espaços entre mídia e pesquisadores tentam superar limites e possibilidade na contribuição de promoção à saúde diante do reconhecimento da influência da mídia sobre as imagens que são construídas.

A narrativa em torno da pandemia Covid-19, no começo, foi imprecisa e linear. No entanto, neste momento a mídia vem sendo um dos meios de interlocução para a sociedade, mesmo quando a informação concreta não estava disponível. Desde que foi decretada, o fenômeno denominado “infodemia”, (aumento de informações associadas a um assunto específico) se estabeleceu por todos os meios de comunicação. A vasta divulgação e rápidas modificações das informações científicas, bem como suas implicações na vida das pessoas, provocou alta acessibilidade para lidar com todas as informações (BAZÁN *et al.*, 2020).

Deste modo, com o objetivo de atestar a veracidade das notícias, especialmente, nas versões disponibilizadas pela mídia digital, têm-se a checagem de fatos (*fact-checking*), conforme exemplifica estudo sobre a credibilidade de informações em tempos de Covid-19, principalmente pela dimensão acelerada do fenômeno das *fake news*, no final de 2016 (FACHIN *et al.*, 2020). Na era da informação, a divulgação de notícias falsas amplia rumores e desinformação com consequência negativa, principalmente nas mídias sociais onde qualquer indivíduo pode compartilhar ideias sem embasamento da ciência ou fonte confiável (GARCIA; DUARTE, 2020). Neste momento, a mídia

jornalística tem papel fundamental para divulgação de informações baseadas em evidências para o enfrentamento da pandemia.

Estudo nacional revela que os períodos de aumento do interesse sobre a Covid-19 ocorreram após a divulgação dos principais marcos epidemiológicos da doença no país pelos meios de comunicação. De acordo com estudo com objetivo de mapear alguns modos de uso dos meios de comunicação e temas em circulação durante o isolamento social devido à pandemia do coronavírus no Brasil, cujo questionário *online* compreendeu o período entre 12 e 19 de abril de 2020, de sete a cada dez pessoas aumentaram o consumo de notícias durante a pandemia com intuito de manter-se atualizadas sobre o assunto. Dentre os resultados 75,1% das pessoas entrevistadas alegaram buscar notícias sobre a Covid-19 todos os dias e apenas 0,8% referiram não buscar essas informações, sendo uma das fontes centrais foram às versões *online* de jornais como forma de preparo e conhecimento mais profundo sobre os processos e os efeitos da pandemia (ZANETTI; REIS, 2020).

Com o surgimento do vírus H1N1, houve a mesma comunicação em massa de notícias sobre a ocorrência do novo tipo de gripe, sua disseminação e crescente número de mortes pelo mundo perdurando nos noticiários por longo tempo (LERNER; GRADELLA, 2012). No contexto atual, o panorama tomou conta das reportagens em função das práticas necessárias sobre os cuidados preventivos, na divulgação de dados, vacinas, desenvolvimento de tecnologias e equipamentos para o cuidado. A mídia foi uma das principais ferramentas para desmentir *fake news* relacionada ao uso de máscaras, remédios e vacinas. Contribui também na disseminação de mensagens que reforçam a importância de medidas básicas de proteção e higiene aliadas à evidência científica diante da falta de informações do governo (USP, 2020).

As relações entre o campo da saúde e da comunicação vêm se estreitando nas últimas décadas, encontrando-se vários estudos que mostram a relação dos meios de comunicação com questões de saúde (RANGEL-S, 2003). Antes, muitos jornalistas eram vistos como sensacionalistas, e hoje, cobrem as epidemias e pandemias com respaldo da ciência aos fatos. Para trazer informações confiáveis às populações, a OMS constantemente utiliza as mídias para informar e intensificar a importância de mobilização disseminação de informações em relação a quanto à evolução e medidas de contenção da doença, dessa forma, destacou-se a importância da mídia no acompanhamento de eventos severos ligados à saúde humana.

### 2. 3.1 Mídia e saúde

A mídia tem relevante função na construção social das epidemias e pandemias. Nos últimos anos, popularizou-se e em recentes episódios emergências de saúde, como no surto do Zika Vírus, contribuiu para transmissão de informações para a grande massa, formulação de opiniões e influência comportamental (AGUIAR; ARAUJO, 2016).

Pesquisa realizada objetivando classificar e analisar comentários na mídia social com intuito de compreender os boatos virtuais marcados pelo surto do Zika apontou enraizamento político nos comentários, pondo em evidência questionamentos descrença nas explicações científicas e sanitárias (GARCIA; CARDOSO, 2019).

O incremento tecnológico propicia uma interação dinâmica mediada por dispositivos que amplia possibilidades de acesso à informação e desenvolvimento pessoal. A utilização da mídia em consonância com evidências científicas foi demonstrada em estudo acerca dos surtos de diarreia no Nordeste do Brasil ocorridos no ano de 2013, em notícias veiculadas pela mídia eletrônica e pelos dados obtidos por sistemas de informação de saúde, comprovando a relação em conjunto entre a mídia e o poder público, pela similaridade de informes e notícias veiculadas nos jornais eletrônicos revelando papel crucial na identificação de riscos que poderiam estar relacionado aos surtos (RUFINO *et al.*, 2016).

Intervindo como ferramentas para a construção e valorização da comunicação, a mídia oferece conteúdos consonantes com a necessidade de informações que a população precisa para abranger interação nas pautas mais recorrentes no cenário vivido. Em estudo de Faria, Rolim, Donalísio (2020), objetivou-se compreender e analisar o discurso da febre maculosa brasileira entre representantes da sociedade, circulante em um meio de comunicação impresso do município de Campinas, São Paulo, Brasil. Das notícias selecionadas 50% continham informações gerais da doença, 12,3% apresentavam os aspectos da doença, 29,8% as medidas de prevenção e controle e 7,9% incluíam as ações de educação em saúde, permitindo contextualizar para a população que não compreendia a situação da doença e promovendo o desencadeamento de ações de prevenção e controle diante da elevada letalidade.

As relações entre ciência e meios de comunicação contribuem no acesso à informação de temas científicos para a população. No estudo longitudinal, cuja proposta metodológica visava fornecer um panorama da cobertura de ciência em 130 anos em importantes jornais paraenses, evidenciou que a ciência foi pauta recorrente nos jornais desde o século XIX. Os conteúdos científicos identificados trataram com mais frequência

as questões de pesquisa em saúde, sendo os cientistas a principal fonte de informação, expressando a credibilidade que esses atores sociais possuem perante a mídia local (CARVALHO; MASSARANI; SEIXAS, 2015). Sendo assim, a comunicação se caracteriza como um dos instrumentos de promoção dos direitos relacionados à saúde, de afirmação social, de consolidação de uma sociedade democrática e construção de políticas sociais.

Em estudo quanto à campanha do Novembro Azul utilizou-se como estratégia para discussão a relação entre a mídia e saúde, no incentivo a participação efetiva de homens no autocuidado à saúde. Para muitos as informações sobre doenças e prevenção dá-se por meio da mídia, sendo muitas vezes a única fonte utilizada. Desta maneira, a mídia esclarece o discurso acerca das doenças por meio de recursos tecnológicos que lhe são direcionados, bem como, divulgando novas evidências científicas (MODESTO *et al.*, 2018). Outro estudo em relação a campanhas, mas desta vez, no sentido da detecção do câncer de mama reitera o destaque da mídia na construção do senso comum sendo de grande valia na construção de representações sociais acerca do câncer de mama e na luta contra a doença, podendo ser apontada como um fator transformador ao facilitar a comunicação entre os grupos e orientar práticas e comportamentos de autocuidado (SIMEÃO *et al.*, 2016).

Para a Saúde Pública é fundamental compreender como as informações chegam aos indivíduos e às comunidades, como elas circulam, como são interpretadas e apropriadas, visto que contribuirá para construção de estratégias de prevenção e controle de doenças. A mídia jornalística mantém interesse nessas pautas viabilizando democratização e estratégias de comunicação para disseminar informações, desse modo participa ativamente na interrelação com a saúde por meio de sessões específicas (VILLELA; NATAL, 2014). De acordo com Caron; Ianni, Lefevre (2018) as matérias sobre pesquisas científicas e inovações tecnológicas em saúde se superpõem somando 59% da programação de saúde do Jornal Nacional.

Em reportagem sobre a importância da mídia para a saúde da população, o pesquisador da Unicamp, Ricardo Teixeira (2012), avaliou a qualidade das notícias em ciência na área de saúde dos dois maiores jornais brasileiros em suas versões eletrônicas por um período de três meses – Folha de São Paulo e Estado de São Paulo. Os resultados mostraram que artigos sobre pesquisas científicas corresponderam a 56,7% e 20,4% de todos os artigos relacionados à saúde. Nesse sentido, a mídia reitera a intensificação de informações, assim como, nos estudos citados, principalmente no que concerne esforços

para desconstruir questões que intensificam o avanço e repercussões das doenças diante de aspectos inerentes à estrutura social.

Diante dessas informações torna-se relevante investigar sobre as repercussões da pandemia Covid-19 para as mulheres em publicações divulgadas pela mídia, tanto pelo poder de difusão de informações que a mídia detém, quanto pela relevância e atualização da temática.

### 3 METODOLOGIA

Para a construção do universo desta pesquisa, este capítulo, dedica-se à apresentação dos procedimentos metodológicos. Neste sentido, serão abordados os seguintes tópicos: a) tipo de pesquisa; b) fonte de dados; c) produção dos dados; d) processo de análise dos dados; e) preceitos éticos.

#### 3.1 TIPO DE PESQUISA

Caracteriza-se como uma pesquisa documental, de abordagem qualitativa, baseada em reportagens divulgadas pela mídia em versões digitais, acerca das repercussões da mulheres na pandemia Covid-19. A abordagem qualitativa oportuniza melhor compreensão dos conteúdos e permite modelar a análise da subjetividade do objeto em questão: repercussões da pandemia Covid-19 para as mulheres. Deste modo, justificando-se a importância de sua aplicabilidade.

A pesquisa documental utiliza métodos e técnicas que permitem apreender e analisar dados, exclusivamente, provenientes de documentos desenvolvidos por diversas fontes, em especial jornais (JUNIOR-LIMA *et al.*, 2021). Com isso, corrobora para que a pesquisadora “adentre” no campo de estudo, captando o fenômeno por meio das perspectivas contidas nesses documentos, colaborando na área que está inserida, em particular, da saúde (FÁVERO; CENTENARO, 2020).

A proposta metodológica busca informações concretas sobre o fenômeno em documentos selecionados para compor o *corpus* da pesquisa. Apesar da possibilidade de utilização em métodos mistos, quantitativo e/ou qualitativo, destaca-se pela relevância na pesquisa qualitativa como um dos percursos metodológicos, por ser visto, como melhor instrumento para compreensão detalhada e aprofundada do fenômeno a ser investigado (RISK; SANTOS, 2021).

Portanto, o método qualitativo permite compreender a investigação mediante sua complexidade e os detalhes das informações da sociedade pelas representações do indivíduo com o meio (SOUSA; SANTOS, 2020). Nessa configuração, a pesquisa qualitativa para *Minayo* e Costa (2018) trabalha por meio da história, do universo, dos significados, dos motivos, das crenças, dos valores e das atitudes dos atores sociais proporcionando novas abordagens, conceitos e categorias da sociedade e sua subjetividade.

### 3.2 FONTE DE DADOS

Por tratar de uma pesquisa documental com foco em reportagens divulgadas na mídia, seu cenário se caracteriza como um espaço de divulgação e formação das representações que refletem no imaginário social, possibilitando explorar as potencialidades dessa estratégia de comunicação (SOUSA; NETO; SANTOS, 2019). A pesquisa foi desenvolvida em ambiente digital mediante a seleção de reportagens publicadas nas versões digitais: do jornal O Globo e do Universo *Online* (UOL).

A escolha dos meios de comunicação deu-se pela dimensão global e acesso crescente a essas plataformas no ano de 2020 e 2021, sendo parte desses números justificados pela pandemia Covid-19. Visto que, o cenário impulsionou a demanda por notícias e informações de modo instantâneo, especialmente sobre a temática, como uma forma de contornar a desinformação e polarização política que vem custando vidas (O GLOBO, 2021a).

O jornal O Globo, um dos selecionados para compor o presente estudo, foi fundado em 29 de julho de 1925, por Roberto Irineu Marinho, que faleceu após 15 dias da fundação. Assim, a direção deveria ser assumida por seu filho primogênito, Roberto Marinho. Contudo, por ser muito jovem este passou o comando para o jornalista Eurycles de Matos, amigo de confiança do pai. Por isso, Roberto Marinho, somente assumiu o controle efetivo do jornal O Globo após a morte de Eurycles de Mattos, em 1931. Ficando no comando até sua morte, em 6 de agosto de 2003 (O GLOBO, 2020a; O GLOBO, 2020b).

O Globo foi pioneiro diante da globalização, desenvolvimento da tecnologia e aperfeiçoamento de máquinas e equipamentos. Com essa incorporação de inovações ao seu perfil tornou-se o primeiro jornal brasileiro a ter radiofoto, telefoto colorido e trazer cores para todas as suas páginas. No dia 01 de julho de 1985 foi incorporada a diagramação eletrônica à redação, que deu mais agilidade e rapidez ao processo de edição

além da instalação de computadores. Fatores importantes para adequar-se às transformações tecnológicas e prosseguimento da digitalização na redação até os dias atuais (O GLOBO, 2020a; O GLOBO, 2020b).

Com a chegada da internet comercial em 1995, no ano seguinte, lançou sua versão digital “O Globo *on*”, com proposta de ser a versão viva do jornal impresso que foi ganhando funcionalidades como a união entre som, imagem e texto a serviço do jornalismo, com interação instantânea com o público e uma capacidade infinita de abrigar conteúdos. Dados exprimem que o jornal O Globo teve acréscimo em sua circulação digital, no período de 2019 tinha circulação média de 326.841 exemplares. Em 2020, a média foi de 332.175 exemplares, sendo atribuída ao crescimento das edições digitais (O GLOBO, 2020a; O GLOBO, 2020b).

Incluso na sessão do jornal O Globo, em uma data em que o mundo discute a condição do ser mulher (Dia Internacional da Mulher), no dia 08 de março de 2019, lança uma plataforma diária de conteúdo digital chamada de Celina (homenageando a professora Celina Guimarães Viana, pioneira do voto feminino no Brasil). Este espaço debate, em profundidade, temáticas relacionadas as mulheres envolvendo questões de gênero e diversidade por meio de reportagens; artigos; entrevistas; e vídeos que abordam diversos temas como: mercado de trabalho, comportamento, cultura, política, educação, saúde e violência (O GLOBO, 2019).

O jornal O Globo está em ascensão ultrapassando diversos jornais dignos de *ranking* no Brasil. Em um único mês revelou, em média, 1,3 milhão de visitantes no site em apenas um estado avaliado. Após pesquisa mais aprofundada constatou-se que 1 a cada 5 pessoas leem o jornal na sua versão digital e, entre as pessoas que têm o hábito de se informar por jornais, resultam em 1 a cada 3 que consomem seu conteúdo. O jornal terminou os anos de 2020 e 2021 como o maior à frente de seus concorrentes em 20 das 27 unidades da Federação, incluindo, além do Rio, todos os Estados das regiões Norte e Nordeste, Distrito Federal e Goiás (O GLOBO, 2021; O GLOBO 2022).

A outra fonte de dados usada nessa pesquisa, o Universo *Online* (UOL), foi lançada em 1996, com serviços de bate-papo, edição diária da Folha de São Paulo, arquivos textuais, reportagens do *The New York Times*, Folha da Tarde, dentre outras sessões. O UOL é denominado uma das maiores empresas de conteúdo *on-line*, tecnologia, serviços digitais e pagamento. No ano de 1997 foi a primeira TV feita para internet, sendo pioneira na transmissão de conteúdos ao vivo e interligados a TV aberta. Em 2000, o UOL *wap* permitiu aos usuários de telefone móvel ter acesso aos conteúdos do portal a qualquer hora e lugar (UOL, s.d)

Em 2005, lançaram o UOL Antivírus, um produto de segurança digital que oferece proteção contra vírus e hackers para computadores, notebooks e smartphones, além de proteção para perdas e furtos. Já em 2006 foi reconhecida pela importância do conteúdo divulgado por meio de um dos prêmios mais respeitados do Brasil. No ano de 2010, promoveu o primeiro debate presidencial para a internet na história do país, acessado por mais de 1,4 milhão de pessoas pela internet em 127 países diferentes. Assim como em 2014, teve recorde de audiência com a apuração das eleições presidenciais (UOL, s.d)

No Dia Internacional da Mulher, o UOL apresenta Universa - a nova plataforma feminina - com o objetivo de promover jornalismo e conteúdo para mulheres brasileiras. A plataforma amplia as discussões e rompe barreiras das desigualdades de gênero, que tradicionalmente, eram restritas a temáticas de moda, beleza, maternidade e relacionamentos. Para isso, dividiu seus conteúdos em três pilares: “Transforma” acompanha a evolução da luta de mulheres pelos seus direitos em diversos âmbitos; “Inspira” reflete o cotidiano das mulheres e depoimentos; “Inspira” apresenta uma área com finalidade de tempo livre (UOL, 2018).

Recebendo no ano de 2018, o prêmio Caboré, um dos maiores da propaganda brasileira, que consagra os principais veículos e profissionais que contribuem para o desenvolvimento da indústria de comunicação. Em 2019, tornou-se referência em conteúdo para os brasileiros, há mais de 20 anos. Sendo acessada por 9 a cada 10 internautas todos os meses, sua *homepage* recebe em média 114 milhões de visitas por mês; mais de 7,4 bilhões de páginas vistas mensalmente; mais de 2,5 milhões de assinantes de diversos serviços; 107 milhões de usuários únicos; tendo o maior conteúdo em língua portuguesa do mundo (UOL, s.d).

A utilização desse meio de comunicação durante a pandemia Covid-19 teve um grande alcance pela *internet* por sua ação informacional para a sociedade. Afinal, neste momento, impulsionou o fluxo de notícias em torno da crise por intermédio da divulgação científica. A mídia tem capacidade de atingir uma gama de usuário e mobilizar opiniões com ferramentas que ampliam seu acesso por meio de interatividade, seleção ativa de conteúdos e formatos, informações atualizadas a todo momento e dinamismo para navegação. Dessa forma, como fonte primária de informações permite pesquisas importantes para prevenir compartilhamento de *fake news*, polarização política e social, além de evitar o distanciamento entre ciência, tecnologia e sociedade que tanto fizeram-se presentes neste período.

### 3.3 PRODUÇÃO DOS DADOS

A coleta de dados é proveniente das versões eletrônicas do jornal O Globo e do UOL, mediante seleção de reportagens direcionadas ao objeto de investigação, qual seja: repercussões da pandemia Covid-19 para as mulheres. Foram desconsiderados documentos de outros sites intrínsecos ao jornal O Globo e UOL, sendo apenas selecionados das fontes de dados conteúdos que abordassem diretamente as repercussões da pandemia Covid-19 para as mulheres ou com aproximação da temática.

Para coletar as reportagens no jornal O Globo realizou-se a assinatura disponibilizada, visando acesso aos conteúdos. A seleção das manchetes que abordavam elementos caracterizadores sobre as repercussões da pandemia de Covid-19 para as mulheres, ou que apresentavam discussões relevantes sobre a temática. Para acesso às publicações do UOL, não houve necessidade de assinatura, pois os conteúdos selecionados estão presentes nas sessões gratuitas do portal. Todavia, prosseguiu-se com a mesma seleção do jornal citado anteriormente.

Diante do contexto, o corpus empírico contempla 53 reportagens publicadas no jornal O Globo e 28 reportagens publicadas no UOL, no período de março de 2020 a julho de 2021. Os documentos foram selecionados a partir das palavras-chave: mulher; feminino; pandemia; Covid-19; saúde. Desse modo, totalizando 81 reportagens encontradas referentes ao objeto de estudo (Quadro 1).

O período estabelecido para a seleção dos documentos compreende a primeira notificação do caso de Covid-19 no Brasil; as mudanças no perfil epidemiológico da doença; o colapso do sistema de saúde e na economia; a liberação e o início da vacinação que resultou na redução do número de casos e mortes por Covid-19 em todo o país, em especial no estado da Bahia, no mês de julho de 2021 (CORREIO, 2022; UOL, 2021).

**Quadro 1** - Total de reportagens do jornal O Globo e UOL.



Fonte: jornal O Globo e UOL - elaborado pela autora (2022).

A seleção das reportagens deu-se mediante leitura do título e conteúdo para identificação de elementos que atendessem ao objetivo proposto. Uma vez selecionada, foram registradas em um arquivo *word*, em associação com as seguintes informações para cada reportagem: jornal, título, data da publicação, seção de publicação, autoria, foco da reportagem e imagem. Esses registros permitiram acompanhar a quantidade de reportagens, principal período de publicação, quantidade de publicação em cada jornal, duplicidade de reportagem nos jornais, foco temático da reportagem, classificação do gênero jornalístico e seleção de trechos relevantes a fim de identificar pontos relacionados ao objeto de investigação.

### 3.4 PROCESSO DE ANÁLISE DOS DADOS

Primeiramente, realizou-se análise textual dos títulos das reportagens a considerar o quantitativo de documentos selecionados (Quadros A e B). Para tanto, após o tratamento textual, esses dados foram processados pelo *software Interface de R pour analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* – IRAMUTEQ.

O *software* IRAMUTEQ, criado por *Pierre Ratinaud*, começou a ser utilizado no Brasil em 2013 nas pesquisas fundamentadas na teoria das representações sociais, entretanto, outras áreas também se apropriaram do seu uso (SOUZA *et al.*, 2018). O *software* com toda sua potencialidade permite o processamento de dados das pesquisas qualitativas por diferentes procedimentos lexicométricos, como: estatísticas textuais clássicas, Análise de Especificidades, Classificação Hierárquica Descendente (CHD), Análise Fatorial por Correspondência (AFC), análise de similitude, análise prototípica de evocações e nuvem de Palavras (NETA; CARDOSO, 2021).

O uso do programa em consonância com o referencial teórico-metodológico auxilia a pesquisadora nos processos de produção e analítico dos dados das múltiplas fontes de evidências. Para isso, contribui na organização das palavras, dinamiza e qualifica o processo de análise qualitativa, tornando a pesquisa possível diante de um grande *corpus* de dados, pelas diferentes formas de análise (SOUZA *et al.*, 2018). Na presente pesquisa, o IRAMUTEQ foi utilizado para análise dos títulos das reportagens, com a construção da nuvem de palavras empregada com a finalidade de identificar e enriquecer visualmente o objeto da pesquisa, posteriormente analisados pela análise de conteúdo (Bardin, 2016), com isso tornando-se uma alternativa expressiva quando associadas.

A nuvem de palavras consiste no agrupamento gráfico-visual que apresenta a frequência das palavras no *corpus* textual. Assim, quanto mais a palavra for frequente ou relevante para a temática será destacada nessa representação; essas palavras aparecem em vários tamanhos indicando quais tem maior ou menor incidência no contexto (VILELA; RIBEIRO; BATISTA, 2020). Apesar de simples, o uso na pesquisa qualitativa, em especial na área da saúde, permite visualização gráfica que são preponderantes na identificação rápida de palavras-chave dos textos analisados (ACAUAN *et al.*, 2020).

Mediante análise dos títulos, deu-se seguimento a organização e análise dos dados com base na análise de conteúdo, proposta por Bardin (2016). Segundo a referida autora, a análise de conteúdo designa: “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que visa obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem as inferências de conhecimentos relativos de condições de produção/recepção (variáveis inferidas) das mensagens”.

A técnica da análise de conteúdo está organizada em etapas independentes, mas complementares entre si, visando chegar aos núcleos de sentido. Assim a primeira etapa, denominada de pré-análise – consiste em leituras flutuantes para escolha dos documentos e definição dos objetivos, hipóteses e formulação dos indicadores. Nessa pesquisa, a fase de pré análise exigiu tempo prolongado, diante do período estipulado para seleção das reportagens e o tema abordado.

Uma vez selecionadas as reportagens, partiu-se para fase de exploração do material, com objetivo de categorização ou codificação. Essa fase caracteriza-se pela identificação de elementos constitutivos das categorias, formadas pelo desdobramento e consequente agrupamento ou reagrupamento das unidades de registro do texto. Seguindo essa orientação, na presente pesquisa realizou-se a leitura exaustiva dos documentos, posteriormente, codificação das unidades de registros textuais e a denominação de quatro categorias empíricas provenientes das ideias centrais das reportagens analisadas.

A terceira etapa da análise de conteúdo diz respeito ao tratamento dos resultados. É, portanto, uma fase que busca a significação de mensagens, com análise reflexiva e crítica, permitindo interpretações e inferências de uma proposição pela ligação com outras proposições aceitas como verdadeiras. Nessa pesquisa, a formação dos resultados compreendeu elementos constitutivos para apresentação de cada tema em uma categoria empírica, que serão discutidas em diálogo com a literatura científica.

Mediante as três etapas da análise de conteúdo, os dados foram organizados em quatro categorias empíricas denominadas: 1) Pandemia: agravos para saúde das mulheres;

2) Intensificação das desigualdades de gênero e socioeconômicas; 3) Sobreposição de trabalhos no espaço doméstico; 4) Situações de violências pelo isolamento social, conforme apresentadas no Quadro 2.

**Quadro 2** - Categorias empíricas elaboradas a partir da análise de conteúdo das reportagens analisadas

CATEGORIAS EMPÍRICAS	TOTAL DE REPORTAGENS
PANDEMIA: AGRAVOS PARA SAÚDE DAS MULHERES	58
INTENSIFICAÇÃO DAS DESIGUALDADES DE GÊNERO E SOCIOECONÔMICAS	57
SOBREPOSIÇÃO DE TRABALHOS NO ESPAÇO DOMÉSTICO	43
SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIAS PELO ISOLAMENTO SOCIAL	39

Fonte: elaborado pela autora (2022).

### 3.5 PRECEITOS ÉTICOS

As Resoluções nº 466/2012 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde firmam diretrizes que regulamentam pesquisas científicas envolvendo Seres Humanos e em Ciências Humanas e Sociais. Contudo, a priori, nessa pesquisa não houve necessidade de seguir os critérios operacionais padronizados pelas resoluções como: submissão a Plataforma Brasil; Avaliação do Comitê de Ética e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) por não haver interação humana. Tais ações justificam-se pelo conteúdo presente serem de domínio público. Ademais, salienta-se que primou pela ética e imparcialidade sob a ótica individual e coletiva que regem as referidas resoluções. Os dados da pesquisa estão resguardados em arquivo digital, sob a responsabilidade da pesquisadora, por um período de cinco anos contados a partir do término da pesquisa.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Visando atender o objetivo proposto, neste item será abordado os resultados provenientes das análises dos dados realizados com o uso do *software* IRAMUTEQ e as bases da análise de conteúdo proposta por Bardin. Assim, inicialmente contemplará a

descrição das reportagens, visando informar sua fonte, data e seção de publicação, autoria e título. Essa descrição permite que qualquer pessoa interessada tenha acesso à reportagem para averiguar seu conteúdo. Bem como, a apresentação da nuvem de palavras oriunda do processamento dos títulos no *software* IRAMUTEQ.

Dando seguimento, apresentaremos os achados resultantes do processo de análise de conteúdo temática realizado com o *corpus* das reportagens e associadas ao processamento da nuvem de palavras dos títulos das reportagens. Nesse processo serão apresentadas as repercussões para as mulheres durante a pandemia, organizadas em quatro categorias temáticas. Cada categoria será comentada tomando como base o conteúdo das reportagens analisadas e dados científicos publicados.

#### 4.1 Descrição geral das reportagens analisadas

De acordo com o objetivo e descrição da pesquisa foram selecionadas e analisadas 81 reportagens com abrangência a níveis nacional e internacional, publicadas pelo jornal O Globo e o Universo Online (UOL), no período de março de 2020 a julho de 2021, conforme critérios

No jornal O Globo, entre os meses de março a dezembro de 2020, foram selecionadas 30 reportagens e no ano de 2021, nos meses de janeiro a julho foram 23 reportagens, totalizando 53 documentos nesse meio de comunicação. Todas as reportagens selecionadas no jornal O Globo estão apresentadas no quadro A, com dados que permitem a caracterização das mesmas no tocante a: data, autoria, sessão de publicação e título. O acesso a esse jornal deu-se mediante assinatura digital.

Com base no referido quadro observa-se que os documentos selecionados no jornal O Globo estavam dispostos nas seguintes sessões Opinião; Brasil; Economia Mundo; Rio; Saúde; e na plataforma de conteúdo Celina, a qual foi a sessão de maior conteúdo utilizado na pesquisa.

**Quadro A** - Descrição das reportagens do jornal O Globo.

O GLOBO			PERÍODO - MARÇO A DEZEMBRO DE 2020 TOTAL DE REPORTAGENS: 30	
NÚMERO	DATA	SESSÃO	AUTORIA	TÍTULO DA REPORTAGEM
01	31/03/2020	Plataforma Celina Coronavírus	O Globo, com agências internacionais	Coronavírus: pandemia deve aumentar a diferença salarial entre homens e mulheres

02	02/04/2020	Plataforma Celina Coronavírus	William Helal Filho	Mulheres e crianças primeiro: coletivos criam mapeamento de mães em situação vulnerável durante crise do coronavírus
03	03/04/2020	Plataforma Celina - Coronavírus	Raphaela Ramos	Coronavírus: isolamento domiciliar pode aumentar sobrecarga das mulheres
04	03/04/2020	Plataforma Celina - Coronavírus	Leda Antunes	Coronavírus: pandemia impacta as mulheres de forma diferente. E isso precisa ser levado em conta para enfrentar a crise
05	06/04/2020	Plataforma Celina - Coronavírus	AFP	ONU pede proteção para as mulheres durante confinamento por coronavírus
06	09/04/2020	Plataforma Celina - Coronavírus	Raphaela Ramos	Coronavírus: como a crise provocada pela Covid-19 impacta as mulheres negras no mercado de trabalho
07	10/04/2020	Opinião	Flávia Oliveira	Crise tem cor e gênero
08	15/04/2020	Plataforma Celina	Raphaela Ramos	Coronavírus: estudo aponta os impactos da Covid-19 para as mulheres
09	22/04/2020	Plataforma Celina - Coronavírus	AFP	Coronavírus: durante a quarentena, violência doméstica aumenta ainda mais nos países da América Latina
10	22/04/2020	Plataforma Celina	Gabriel Oliva	Coronavírus: quatro enfermeiras relatam o cotidiano exaustivo de quem está na linha de frente do combate à Covid-19
11	28/04/2020	Plataforma Celina - Coronavírus	Reuters	Pandemia do novo coronavírus terá 'impacto catastrófico' para mulheres no mundo inteiro, alerta ONU
12	22/05/2020	Plataforma Celina - Coronavírus	Amber Milne	'Eu não tive escolha': crise econômica em consequência do coronavírus aumenta troca de sexo por moradia
13	29/05/2020	Plataforma Celina	Raphaela Ramos	A desafiadora (e sobrecarregada) rotina das mães solo durante a quarentena
14	30/05/2020	Brasil	Célia Costa	Coronavírus: denúncias de violência contra a mulher têm aumento de 35,9% em abril, durante quarentena
15	01/06/2020	Plataforma Celina - Coronavírus	Maiá Menezes	Casos de feminicídio crescem 22,2% no Brasil durante a quarentena para conter novo coronavírus
16	12/06/2020	Plataforma Celina	O Globo, com agências internacionais	Novo epicentro da pandemia de Covid-19, América Latina vê

				números de violência doméstica e feminicídios dispararem
17	19/06/2020	Plataforma Celina	Raphaela Ramos	Saúde mental: mulheres têm mais risco de apresentar sofrimento psicológico relacionado à Covid-19
18	21/06/2020	Plataforma Celina - Economia	Cássia Almeida e Leda Antunes	Pandemia faz sete milhões de mulheres deixarem o mercado de trabalho
19	24/06/2020	Plataforma Celina - Coronavírus	Nellie Peyton	Mulheres não estão tendo acesso a exames da Covid-19 em países em conflito, alerta entidade
20	30/06/2020	Plataforma Celina	Renata Izaal	Relatório da ONU alerta para persistentes violações de direitos de meninas e mulheres em todo o mundo
21	01/07/2020	Economia - Coronavírus	O Globo, com agências internacionais	Coronavírus: OIT alerta que pandemia pode eliminar avanços em igualdade de gênero
22	30/07/2020	Brasil - Plataforma Celina	Yasmin Setubal e Gabriela Oliva	Metade das mulheres passaram a cuidar de alguém na pandemia, revela pesquisa
23	31/07/2020	Plataforma Celina	Leda Antunes	Como o debate sobre a volta às aulas impacta a vida das mães solo
24	06/09/2020	Plataforma Celina	Gabriela Oliva	Coronavírus, Zika e Ebola: por que as mulheres são as mais afetadas pelas pandemias
25	30/09/2020	Mundo - Plataforma Celina	Amanda Taub	Pandemia vai tirar das mulheres 10 anos de avanços no mercado de trabalho
26	25/09/2020	Plataforma Celina	Maya Oppenheim	Estudo inédito conclui que pandemia de coronavírus desencadeou uma crise global na saúde mental das mulheres
27	19/10/2020	Plataforma Celina	Leda Antunes	Feminicídios e violência contra mulher cresceram na pandemia, mas denúncias diminuíram
28	23/11/2020	Plataforma Celina	AFP	Pandemia de Covid-19 fez violência contra a mulher disparar em todo o mundo
29	25/11/2020	Plataforma Celina	Leda Antunes	Violência contra a mulher permanece, mas pandemia afastou vítimas do sistema de saúde do Rio: notificações caíram 34%
30	16/12/2020	Brasil - Plataforma Celina	Raphaela Ramos	Entre os profissionais da saúde, mulheres negras são mais impactadas pela pandemia, diz estudo
<b>O GLOBO</b>			<b>PERÍODO – JANEIRO A JULHO DE 2021</b>	

			<b>TOTAL DE REPORTAGENS: 23</b>	
<b>NÚMERO</b>	<b>DATA</b>	<b>SESSÃO</b>	<b>AUTORIA</b>	<b>TÍTULO DA REPORTAGEM</b>
31	29/01/2021	Plataforma Celina	Thomson Reuters Foundation	Mulheres são maioria na linha de frente, mas são deixadas de fora das decisões sobre combate à Covid-19
32	10/02/2021	Plataforma Celina	Christine Murray	Pandemia deixa mais da metade das mulheres fora da força de trabalho na América Latina
33	28/02/2021	Brasil - Plataforma Celina Coronavírus	Aline Ribeiro	Apesar de homens morrerem mais pela Covid-19, brasileiras são as mais impactadas no dia a dia da pandemia
34	03/03/2021	Plataforma Celina	Luciana Staciarini Batista	Mulheres fora do mercado de trabalho: mais um efeito colateral da pandemia
35	04/03/2021	Brasil - Plataforma Celina	Cíntia Cruz e Raphaela Ramos	Cinco casos de violência contra a mulher foram registrados por dia em 352020, indica pesquisa em cinco estados
36	07/03/2021	Plataforma Celina	O Globo	Brasil registrou 105 mil denúncias de violência contra a mulher em 2020; quase 300 por dia
37	08/03/2021	Rio - Radar	O Globo	Número de mulheres vítimas de violência doméstica no Rio foi de 250 por dia durante a pandemia da Covid-19
38	08/03/2021	Brasil - Plataforma Celina	María Noel Vaeza	Violência contra as mulheres: uma pandemia oculta agravada pela Covid-19
39	11/03/2021	Plataforma Celina	Susan Regal	Covid-19, um ano depois: pandemia atinge mais as mulheres, mas pode abrir oportunidades para elas
40	13/03/2021	Plataforma Celina	AFP	Saiba quais foram as conquistas feministas do último século e como a pandemia de Covid-19 às ameaça
41	17/03/2021	Plataforma Celina	Gisele Araujo	Mães da favela: sem renda e sem auxílio do governo, mulheres alimentam suas famílias com doações articuladas pelas comunidades
42	29/03/2021	Plataforma Celina	AFP	'Ele me manteve presa e abusava de mim': o terrível cotidiano das vítimas de violência doméstica na pandemia
43	11/04/2021	Saúde - Coronavírus	Ana Lúcia Azevedo	Médicos defendem que grávidas correm perigo maior de Covid e deveriam ter prioridade no tratamento; conheça histórias

44	14/04/2021	Plataforma Celina	Georgia Bartolo	Parem de culpar a pandemia pela saída das mulheres do mercado de trabalho!
45	16/04/2021	Brasil	Paula Ferreira	Ministério da Saúde recomenda que mulheres adiem gravidez devido à pandemia
46	13/05/2021	Saúde - Coronavírus	Amanda Scatolini	Média semanal de mortes por Covid-19 entre grávidas e mulheres no pós-parto triplica em 2021
47	16/05/2021	Brasil - Plataforma	Celina Audrey	Pandemia faz crescer pobreza menstrual, e a mobilização para combatê-la
48	29/05/2021	Brasil - Plataforma Celina - Coronavírus	Cíntia Cruz	Morte de grávidas e puérperas por Covid-19 é 78% maior entre mulheres negras do que em brancas
49	07/06/2021	Plataforma Celina	Leda Antunes	Uma em cada quatro brasileiras sofreu violência durante a pandemia, revela pesquisa
50	08/06/2021	Plataforma Celina	Leda Antunes	Pesquisadora investiga sofrimento de mulheres no puerpério e alerta para maior risco de depressão pós-parto na pandemia
51	14/06/2021	Brasil - Plataforma Celina	Audrey Furlaneto	Em meio ao aumento da violência sexual na pandemia, grupo luta pelo direito ao aborto legal à distância
52	02/07/2021	Saúde	Elisa Martins	Pandemia reforça desigualdade no tempo de convívio entre mães e filhos
53	15/07/2021	Plataforma Celina	Leda Antunes	Brasil registrou uma denúncia de violência doméstica por minuto em 2020

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

No portal UOL nos mesmos períodos acima mencionados foram selecionadas 8 e 20 reportagens, respectivamente. Em contrapartida, para acesso ao conteúdo do UOL não houve necessidade de assinatura digital, visto que, encontram-se disponíveis gratuitamente. Todas as reportagens selecionadas foram organizadas nos quadros B.

No portal UOL os documentos estavam inseridos nas seguintes sessões: Notícias; Ecoa; Tilt; Universa; Folha; Viva bem; Economia; Tab; Plataforma de conteúdo independente 6 minutos; Rádio jornal UOL e a Plataforma Universa, a qual foi a sessão de maior conteúdo utilizado nos documentos selecionados.

**Quadro B - Descrição das reportagens do UOL, 2022.**

UOL	PERÍODO - MARÇO A DEZEMBRO DE 2020 TOTAL DE REPORTAGENS: 8
-----	---

<b>NÚMERO</b>	<b>DATA</b>	<b>SESSÃO</b>	<b>AUTORIA</b>	<b>TÍTULO DA REPORTAGEM</b>
01	14/04/2020	Notícias – Blog	Leonardo Sakamoto	Da violência doméstica ao desemprego, coronavírus é mais cruel com mulheres
02	08/05/2020	Ecoa	Diana Carvalho	Mulheres formam redes de apoio contra a violência doméstica na pandemia
03	23/05/2020	Universa - Carreira e finanças	Agência Brasil	39% das mulheres empreendedoras interromperam atividades durante a pandemia
04	26/05/2020	Tilt – Ciência	Janaina Garcia	Produção científica de mulheres despensa na pandemia - de homens, bem menos
05	21/07/2020	Notícias	EFE	ONU alerta que pandemia da Covid-19 está afetando saúde mental das mulheres
06	24/07/2020	Universa	João Soares	Mulheres e negros são os mais afetados pela covid-19 no Brasil, aponta IBGE
07	08/2020	Folha – Piauí	Joice Berth	O OUTRO DO OUTRO: A violência contra a mulher negra não começou na pandemia
08	23/11/2020	Universa - Violência contra a mulher	AFP	Violência contra as mulheres dispara em todo o mundo na pandemia
<b>UOL</b>			<b>PERÍODO: JANEIRO A JULHO DE 2021 TOTAL DE REPORTAGENS: 20</b>	
<b>NÚMERO</b>	<b>DATA</b>	<b>SESSÃO</b>	<b>AUTORIA</b>	<b>TÍTULO DA REPORTAGEM</b>
09	23/01/2021	Viva Bem - Saúde	Ivanir Ferreira	Pandemia piora condições de saúde de mulheres em remissão do câncer de mama
10	30/01/2021	Notícias	André Santana	À espera da vacina: profissionais negras são as mais afetadas pela pandemia
11	14/02/2021	Viva Bem – Equilíbrio	Ivanir Ferreira	Mulheres foram mais afetadas emocionalmente pela pandemia
12	24/02/2021	Viva Bem – Equilíbrio	Rupert Wingfield-Hayes	Coronavírus: o alarmante aumento dos suicídios de mulheres durante a pandemia no Japão
13	05/03/2021	Economia	Pilar Olivares	Mulheres sofrem em silêncio com violência doméstica durante a pandemia no Brasil
14	08/03/2021	Notícias	Edison Veiga	Como mulheres brasileiras se desdobram na pandemia
15	09/03/2021	Notícias	EFE	Pandemia transformou negativamente a vida das mulheres na América Latina
16	12/03/2021	Folha – Piauí	Samira Bueno e Sofia Reinach	A cada minuto, 25 brasileiras sofrem violência doméstica

17	22/03/2021	Universa - Mulheres inspiradoras	Mariana Gonzalez	Djamila Ribeiro: "Pandemia impacta todos, mas mulheres negras sofrem mais"
18	25/03/2021	Universa - Direitos da mulher	Luiza Souto	Sem beijo, de máscara: prostitutas criam regras para trabalhar na pandemia
19	26/03/2021	Universa – Pensadoras	Alessandra Nilo	De costas para o coronavírus: o difícil trabalho das profissionais do sexo
20	15/04/2021	Notícia - Pesquisa	Ísis Lima	Mulheres estão com medo de engravidar devido à pandemia da covid-19, indica estudo
21	17/04/2021	Universa - Direitos da mulher	Luiza Souto	Covid: "Decisão de adiar gravidez é da mulher e do médico, não do governo"
22	19/04/2021	Tab	Felipe Pereira	Mulheres que perderam emprego na pandemia recorrem à prostituição em SP
23	29/04/2021	6 minutos	Bloomberg	Pandemia atrasa em 10 anos participação de latino-americanas no mercado de trabalho
24	02/05/2021	Universa	Universa	ONU: Mulheres e meninas foram esquecidas na resposta mundial à pandemia
25	18/05/2021	Viva Bem - Saúde	Karina Toledo	Inatividade física na pandemia piorou saúde de mulheres entre 50 e 70 anos
26	21/05/2021	Viva Bem - Saúde	Jéssica Klein	Como a pandemia de covid mudou nossas vidas sexuais
27	25/06/2021	6 minutos	Bloomberg	3 vezes mais que homens: na pandemia, mulheres passam mais de 170 horas cuidando de crianças
28	02/07/2021	Viva Bem - Saúde	Agência Bori	Maioria das profissionais de saúde negras se sente despreparada na pandemia

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Nas duas mídias analisadas a maioria das reportagens selecionadas apresentam espaço de manchetes, com títulos de fontes visíveis e atrativas; imagens correspondendo ao assunto específico da matéria, com desenhos feitos por artistas, imagens fictícias ou imagens reais, com legendas de recorte da matéria ou sobre o assunto, além de informações sobre autoria, data e ano, sessão da publicação e sugestões de matérias com títulos semelhantes ao longo do texto ou rodapé. De modo geral, os textos eram conciso, diretos e de fácil compreensão, divulgando acontecimentos marcantes do mundo relacionados às mulheres, no contexto da pandemia Covid-19.

O quantitativo de reportagens selecionadas e sua distribuição cronológica, conforme mostrado nos quadros A e B, assinalam a relevância da temática no âmbito

nacional e internacional diante do contexto da pandemia, assim como, as implicações da pandemia para as mulheres. Nos meses do ano de 2020, o mês de abril apresentou 11 reportagens, sendo o maior quantitativo entre as selecionadas, e no período do ano de 2021, o destaque foi para o mês de março, contabilizando 16 reportagens.

De modo geral, pode-se inferir que as reportagens soaram como um alarme durante o avanço da pandemia em consonância com as probabilidades de repercussões na vida das mulheres. O quantitativo de reportagens mostrou-se relacionado com a evolução epidemiológica da pandemia, sinalizando que desde o início houve repercussões para as mulheres.

O exemplo disso, em março de 2021 durante todo o mês teve altas taxas de contaminações e mortes, com isso liderando o número de reportagens publicadas. No mês de julho de 2021, com o controle das taxas, ampliação da vacinação e diminuição das medidas restritivas, as reportagens tiveram uma diminuição nas suas publicações, mas não necessariamente melhora e solução das repercussões intensificadas na pandemia.

Na nuvem de palavras (Figura 1) resultante do processo de análise dos títulos das reportagens, organizados e processados pelo *software* IRAMUTEQ, fica evidente com destaque para os termos **“Pandemia”** (51); **“Mulher”** (38); **“Covid-19”** (22), reafirmando a correlação das reportagens como o objetivo previamente definido para essa pesquisa.

O conjunto de termos que compõem a nuvem de palavras formada pelos títulos das reportagens denunciam repercussões pelo **“isolamento social”** (6), adotado como medida preventiva e protetiva diante da pandemia para as mulheres. A partir dessa medida e de situações notificadas para mulheres em todo o **“mundo”** (6), **“alertas”** (7) de emergência passaram a ser emitidos por entidades mundiais como a **“ONU”** (6), visando alertar e adotar medidas para minimizar diferentes repercussões para mulheres.



#### 4.2.1 Intensificação das desigualdades de gênero e implicações socioeconômicas

No processo de análise das 81 reportagens foi notória a intensificação das desigualdades de gênero durante a pandemia, com destaque em 57 dos conteúdos jornalísticos analisados. De acordo com o período analisado, a primeira reportagem que abordou essa questão foi publicada em 31/03/2020, no jornal O GLOBO (ANTUNES, 2020a), conforme mostrada a seguir:

**Figura 2** - Manchete da reportagem do jornal O Globo - Coronavírus: pandemia deve aumentar a diferença salarial entre homens e mulheres

### Coronavírus: pandemia deve aumentar a diferença salarial entre homens e mulheres

ONU Mulheres e OIT afirmam que avanços realizados pelos países nos últimos anos devem retroceder diante da crise econômica causada pela Covid-19

O GLOBO, com agências internacionais  
31/03/2020 - 11:55 / Atualizado em 31/03/2020 - 12:03

   | Newsletters 52



A diferença salarial entre homens e mulheres vinha diminuindo, mas a crise econômica gerada pelo coronavírus deve gerar retrocesso Foto: Pixabay

Fonte: Jornal O Globo (2020).

Nos meses seguintes as publicações continuaram confirmando a suposição da diferença salarial entre homens e mulheres, em associação, com questões intrínsecas as desigualdades de gênero e socioeconômicas, tais como: desemprego, perda de renda, empreendedorismo, aumento e fatores condicionantes a extrema pobreza, *home office*, trabalho sexual, além dos fatores que compactuam para a mitigação dos seus efeitos. Em suma, a crise econômica impactou e, ainda impacta, diretamente o trabalho, a renda e a subsistência da população feminina.

Nessa perspectiva, a reportagem divulgada no dia 03 de abril de 2020, no jornal O Globo, denunciou a expressiva perda de postos de trabalho para as mulheres, sobretudo negras, por fazerem parte do grupo mais vulnerável a crise, uma vez que, ocupam postos sujeitos às reduções de atividades econômicas (ANTUNES, 2020b). Pesquisa nacional revela que durante o 3º trimestre de 2019 e 2020 havia 41,2 milhões de mulheres no mercado de trabalho, com o decurso da pandemia, o número caiu drasticamente para 35,5 milhões, assim a desocupação passou de 13,9% para 16,8%, com taxa ainda maior para as mulheres negras (19,8%) (DIEESE, 2020).

Conforme dados publicados pelo DIEESE (2020), a disparidade nos rendimentos entre homens e mulheres permaneceu, principalmente para mulheres negras que

receberam, em média, R\$ 10,95 e o homem negro R\$ 11,95, em 2020. Para os não negros, o rendimento era R\$ 18,15 para mulheres e R\$ 20,79 para homens. Essa situação está evidenciada na primeira reportagem sobre a temática, haja vista, que mundialmente as mulheres são maioria nos setores da economia com baixa remuneração e, geralmente, faixa salarial inferior mesmo com qualificação e função semelhante ou superior aos homens (O GLOBO, 2020c).

Apesar das mulheres estarem em posições sujeitas a demissões ou acordos de redução salarial e da jornada de trabalho durante a pandemia, outros fatores prejudicaram a permanência no mercado de trabalho e a decisão de renunciar seus postos de trabalho tem correlação com as dificuldades em conciliar demandas empregatícias, dada a sobrecarga das responsabilidades domésticas e/ou de cuidado, discutidas na reportagem do dia 30 de setembro de 2020, no jornal O Globo (TAUB, 2020). A construção social imposta pelo patriarcalismo no espaço familiar imbrica na esfera empregatícia constituindo o assentamento das desigualdades e opressões de gênero nos espaços públicos e privados.

A reportagem do dia 21 de junho de 2020, no jornal O Globo, revela que sete milhões de mulheres deixaram o mercado após início do isolamento social, em contrapartida, são dois milhões a menos que os homens (ALMEIDA; ANTUNES, 2020). A confirmação do desemprego para população feminina foi divulgada nesta reportagem:

**Figura 3** - Manchete da reportagem do jornal O Globo - Pandemia faz sete milhões de mulheres deixarem o mercado de trabalho

## Pandemia faz sete milhões de mulheres deixarem o mercado de trabalho

Número refere-se à segunda quinzena de março, período que marca início da quarentena para conter a propagação do novo coronavírus

Cássia Almeida e Leda Antunes  
21/06/2020 - 04:30 / Atualizado em 09/07/2020 - 14:19

f | t | w | Newsletters



Márcia da Conceição Gomes, 47 anos, trabalhava como empregada doméstica há quase 12 anos para a mesma família e foi demitida no final de abril. Foto: Leo Martins / Agência O Globo

Fonte: jornal O Globo (2020).

O conteúdo da reportagem revela que a participação e ocupação das mulheres no mercado de trabalho foram desproporcionalmente afetadas devido a paralisação das atividades laborais, durante o período de *lockdown*. Entre os setores da economia diretamente atingidos, estão os compostos ativamente por mulheres, como serviços nas áreas de cuidado, comércio, limpeza e serviços em geral (ALMEIDA; ANTUNES, 2020).

Todavia, o trabalho doméstico remunerado e a informalidade estiveram nas principais discussões da mídia, demarcando o enfrentamento das várias faces da divisão sexual do trabalho antes e durante a pandemia, conforme apresentado em publicações divulgadas nos dias 03 de março de 2021 e 29 de abril de 2021, nos UOL e O Globo, respectivamente (BLOOMBERG, 2021a; BATISTA, 2021).

Assim, no primeiro trimestre da pandemia 3,4% da população encontrava-se desempregada, entretanto para as domésticas o índice triplicou (10,1%), conforme apresentado na reportagem supracitada (ALMEIDA; ANTUNES, 2020). Dados de relatório do IBGE (2020), revelaram que em março de 2020 havia 11,9 milhões ou 11,2% de pessoas desempregadas e 38,3 milhões ou 40,7% em situação de informalidade, dessas 6,4 milhões eram trabalhadoras domésticas. Entre 2019 e 2020 estavam na informalidade 13,5 milhões e 10,8 milhões, respectivamente, e o trabalho doméstico remunerado reduziu de 5,8 milhões para 4,2 milhões, no mesmo período. Quanto àquelas profissionais com carteira assinada o número reduziu de 1,5 milhões para 1,1 milhão em 2020, e sem carteira assinada de 4,2 milhões para 3,1 milhões (DIEESE, 2020).

A reportagem do dia 25 de setembro de 2020, no jornal O Globo, revela que trabalhadoras domésticas enfrentaram a decisão entre manter o isolamento social com seus empregadores – susceptibilidade à exposição por Covid-19 – ou permanecer em casa realizando o cuidado intrafamiliar – desemprego? (OPPENHEIM, 2020). Embora, parte da classe das trabalhadoras – 93,4% mulheres, 66% pretas e pardas, com baixa escolaridade – diariamente expuseram-se ao vírus sem nenhuma proteção social ou dispensa remunerada pelos empregadores. Não obstante, a primeira morte feminina pelo vírus no Brasil teve o retrato da desigualdade e ocupação precária representados pelo corpo vulnerado de uma mulher, idosa, doméstica e periférica contaminada pela patroa em bairro nobre do RJ (PNAD, 2020; VALERIANO; TOSTA, 2021).

Desse modo, as desigualdades de gênero no mercado de trabalho foram agravadas para mulheres durante a pandemia Covid-19, tendo em vista, a intensificação das situações de precariedade as quais fizeram buscar alternativas sociais e pragmáticas para garantir o sustento e itens básicos de vida, conforme anunciado na reportagem do dia 17 de março de 2021, no jornal O Globo, a seguir:

**Figura 4** - Manchete da reportagem do jornal O Globo - Mães da favela: sem renda e sem auxílio do governo, mulheres alimentam suas famílias com doações articuladas pelas comunidades

LELITINA

## Mães da favela: sem renda e sem auxílio do governo, mulheres alimentam suas famílias com doações articuladas pelas comunidades

Pesquisa realizada pelo Data Favela, em parceria com a Cufa e a Locomotiva, revela que nove em cada dez moradores de comunidades receberam doações durante a pandemia. Ajuda contínua necessária

Gisele Araújo

17/03/2021 - 09:16 / Atualizado em 18/03/2021 - 10:52



Mulheres aguardam para receber benefício do Programa Mães da Favela. Pesquisa realizada neste ano pelo Data Favela, revela que nove em cada dez moradores de comunidades receberam doações durante a pandemia. Foto: Arquivo CUFA Nacional

Fonte: jornal O Globo (2021).

A falta de perspectiva para retorno aos postos de trabalho e a perda de renda ficaram evidentes diante do grau de vulnerabilidade e invisibilidade das mulheres, particularmente pelo contexto socioeconômico que estão inseridas, além de serem a maioria responsável pelo sustento de famílias monoparentais. Desse modo, o desemprego e a insegurança financeira, fome e pobreza são discutidas na reportagem supracitada (ARAÚJO, 2021). As medidas de enfrentamento pragmáticas e sociais foram evidenciadas nas reportagens do dia 28 de fevereiro de 2021 e 08 de março de 2021, no jornal O Globo e UOL, respectivamente, as quais consistiram em auxílios financeiros emergenciais do Governo Federal e doações comunitárias (RIBEIRO, 2021; VEIGA, 2021).

De acordo com levantamento realizado nas comunidades do Brasil, 9 em cada 10 pessoas receberam doações para conseguirem sobreviver às incertezas econômicas geradas pela crise. Entre os beneficiários do auxílio emergencial do Governo Federal, 96% utilizaram a renda para comprar alimentos (ARAÚJO, 2021). O auxílio emergencial contribuiu para a sobrevivência de mulheres e suas famílias, entretanto, muitas necessitaram complementar a renda com ações sociais e doações de cestas básicas para garantir itens básicos de subsistência. Ademais, são essas mulheres com dificuldade de acesso da internet e manuseio da tecnologia que precisarão habilitar-se para solicitar o benefício (GURGEL *et al.*, 2020).

O declínio socioeconômico à medida que a crise avança fará com que 47 milhões de mulheres estejam na extrema pobreza em 2021. Desse modo, continuará aprofundando a pobreza entre as mulheres e distanciando o alcance do objetivo 5 da Agenda 2030 para

o Desenvolvimento Sustentável, conforme apresentam as reportagens dos dias 21 de julho de 2020 e 14 de abril de 2021, no UOL e jornal O Globo, respectivamente (BARTOLO, 2021; EFE, 2020). A crise ocasionou risco à sobrevivência e ao sustento, em particular, das mulheres que vivem em condições precárias da exclusão social, extrema pobreza e situações de violência agravadas pelas tensões socioeconômicas (ARAÚJO, 2021).

A reportagem do dia 19 de abril de 2021, no UOL (figura 5), alerta que os efeitos das desigualdades de gênero nos espaços público e privado fizeram mulheres se deitarem com desconhecidos por apenas cinco ou dez reais, para colocarem comida na mesa e leite na mamadeira dos filhos.

**Figura 5** - Manchete da reportagem do UOL - Mulheres que perderam emprego na pandemia recorrem à prostituição em SP



Fonte: UOL (2021).

O paralelo entre o submundo da prostituição e o doméstico provocou sequelas e conflitos internos e familiares, pela moralidade e valores inaceitáveis da profissão (MOREIRA, 2021). Mulheres entrevistadas na reportagem supracitada revelam sentimentos avessos ao serem tocadas, que iam desaparecendo à medida que suas contas eram pagas. Entretanto, revelam o desejo de abdicar do trabalho sexual após organização financeira, para isso entregam currículos no turno oposto.

A restrição de circulação impôs dificuldades para trabalhadoras sexuais devido a diminuição do número de clientes, fechamento dos espaços de sociabilidade e crise socioeconômica. Contudo, sem outra fonte de renda, e por não vislumbrar alternativas no momento, voltaram às ruas, salientou a publicação no UOL, do dia 25 de março de 2021.

No contexto, tiveram dificuldades econômicas pela perda total da renda, além dos fatores intrínsecos as desigualdades de gênero, no acesso aos direitos e discriminações pelos estigmas inerentes à função intensificados durante a pandemia (SOUTO, 2021). Muitas se sustentam assim há anos, outras começaram durante a pandemia. Há quem diga que a prostituição é livre escolha.

Vale salientar, que as repercussões da pandemia são ainda mais impactantes para mulheres negras, conforme alertam várias reportagens, a exemplo da apresentada na figura 6, divulgada em 24 de julho de 2020, no UOL. As mulheres – majoritariamente pardas e pretas – estão em setores com maior exposição à contaminação pela Covid-19 e jornadas abusivas, como profissionais da saúde ou agentes de limpeza, ou seja, serviços com rigidez ao trabalho remoto (SOARES, 2020).

**Figura 6** - Manchete do UOL - Mulheres e negros são os mais afetados pela Covid-19 no Brasil, aponta IBGE.

Mulheres e negros são os mais afetados pela covid-19 no Brasil, aponta IBGE



Mulher negra é o perfil mais vulnerável à pandemia  
Imagem: iStock

Fonte: UOL (2020).

No ano de 2020 havia 83 milhões de trabalhadores com vínculo empregatício, todavia, apenas 74 milhões permaneceram ativas no mercado de trabalho e 9,2 milhões foram afastadas em razão das medidas restritivas. Dentre os trabalhadores ativos aproximadamente 8,2 milhões de pessoas passaram a exercer suas funções na modalidade *home office* (MONTICELLI, 2021). O perfil do trabalho remoto é feminino (56,1%), branco (65,6%), com ensino superior (76,6%) e atuação no setor privado (63,9%). Lugar este não atribuído a mulher negra, como denotam os índices de desemprego ou perda de renda com quantitativos significativos das estatísticas econômicas e extrema pobreza para essas mulheres (IPEA, 2021).

O fechamento dos estabelecimentos considerados não essenciais produziram efeitos negativos em empresas de todo o mundo. Sendo o empreendedorismo feminino o

mais impactado pelos efeitos do *lockdown*, conforme apresentado na reportagem do dia 23 de maio de 2020, no UOL (AGÊNCIA BRASIL, 2020). Estudo internacional corrobora com as principais questões para o declínio do setor de empreendedorismo durante a pandemia, são eles: limitação da cadeia de suprimentos, diminuição na demanda, redução de funcionários, declínio da capacidade de produção ou fechamento de lojas, incertezas da crise econômica, mercado financeiro/financiamento (HASSAN *et al.* 2020).

Em vista disso, a maioria das empreendedoras negras, 74,9%, não dispõem de reservas financeiras para enfrentar o cenário e 66,3% não possuem planejamento financeiro anual para manter as empresas, conforme apresentado na reportagem do dia 09 de abril de 2020, no jornal O Globo. Salienta-se que as mulheres negras não empreendem por oportunidade, mas por necessidade. Com isso, não conseguem sustentar os negócios pela falta de estrutura e planejamento para enfrentar situações adversas, como a pandemia (RAMOS, 2020a).

De acordo com Ratten (2020), os principais elementos incluem inovação, assumir riscos e ter conhecimento do seu segmento. Para Nassif *et al.*, 2020, mencionam que a palavra de ordem do momento é adaptabilidade. Contudo, as mulheres foram compelidas a reinventar-se por caminhos estratégicos e alternativos para lidar com a crise e seus impactos sociais, como produção e venda de máscaras e alimentos, creches para cuidar dos filhos de outras mães, cursos para aprimoramento e outros meios para complementar a renda, apresentados nas reportagens dos dias 17 de março de 2021 e 02 de julho de 2021, no jornal O Globo (ARAÚJO, 2021; MARTINS, 2020).

A pandemia de Covid-19 apresenta a face perversa da desigualdade que atravessa o mercado de trabalho assentado na divisão social, sexual e racial do trabalho (NOGUEIRA; PASSOS, 2021). O desemprego, precarização do trabalho, rebaixamento salarial, perda crescente de direitos – é o retrato da classe trabalhadora feminina durante a pandemia Covid-19. As mulheres são historicamente estigmatizadas e suas reivindicações trabalhistas invisibilizadas, deste modo, a luta pela equiparação salarial das mulheres e oportunidades de inserção no mercado de trabalho, sem distinção das macroestruturas sociais, retrocedeu em vários países do mundo, com a crise da pandemia.

#### 4.1.2 Sobreposição de trabalhos no espaço doméstico

De acordo com as reportagens e, certamente com a realidade de cada mulher em distintos contextos, as publicações evidenciaram a sobreposição no espaço domiciliar com demandas exclusiva para mulheres, considerados os fatores relacionados a

sobrecarga do trabalho doméstico não-remunerado; aumento das tarefas de cuidado intrafamiliar; perda do suporte social/familiar em decorrência das medidas restritivas e a dificuldade das pesquisadoras conciliarem atividades acadêmica com as demandas domiciliares. Essas repercussões foram notificadas em 43 das reportagens selecionadas. Dentro do período investigado, a primeira reportagem voltada para a temática foi publicada em 03 de abril de 2020, no jornal O Globo, cuja manchete está apresentada na Figura 7:

**Figura 7** - Manchete do jornal O Globo - Coronavírus: isolamento domiciliar pode aumentar sobrecarga das mulheres.

## Coronavírus: isolamento domiciliar pode aumentar sobrecarga das mulheres

Mulheres, mães e trabalhadoras: o período de isolamento domiciliar devido ao Covid-19 pode contribuir para a exaustão de mulheres que cumprem a dupla ou tripla jornada de trabalho

Raphaela Ramos

03/04/2020 - 06:00 / Atualizado em 16/04/2020 - 12:33



Desigualdade na divisão do trabalho doméstico e cuidado com os filhos pode ficar mais latente no período de isolamento domiciliar devido ao coronavírus Foto: Arte de Paula Cruz

Fonte: jornal O Globo (2020).

A reportagem tem organização com trechos de entrevistas de mulheres que revelaram a intensificação da sobrecarga de trabalho no espaço domiciliar durante a pandemia Covid-19, em decorrência do isolamento social. As mulheres entrevistadas afirmam ser majoritariamente responsáveis pela manutenção da casa; cuidado materno e com outros familiares e; todo o trabalho invisível de planejamento para execução da rotina, como idas ao supermercado, preparação das alimentações e marcação de consultas médicas (RAMOS, 2020b).

A divisão sexual do trabalho demarcam as relações estruturais entre os sexos historicamente e socialmente construídas, designando o trabalho produtivo para os homens e o reprodutivo para as mulheres. Desse modo, a naturalização das tarefas domésticas como “femininas” e a desigualdade de gênero afetam desproporcionalmente o trabalho reprodutivo de mulheres na pandemia Covid-19 (MONTICELLI, 2020). A reportagem publicada do dia 10 de fevereiro de 2021, no jornal O Globo, desvela que

50% das mulheres começaram a cuidar de alguém na pandemia e outros 56% tiveram mais tempo gasto com serviços domésticos, sendo equivalente a 26,6 horas semanais em comparação com menos horas (10,5) pelos homens (OLIVA, 2020).

Embora o acúmulo das funções no cotidiano das mulheres para realizar e administrar todo o serviço doméstico seja anterior a pandemia, as publicações revelam que a mudança na rotina e a permanência prolongada dos integrantes familiares no espaço domiciliar reverberaram ciclos ininterruptos de afazeres, em consonância, com a limitação ou inexistência da divisão de tarefas pelos companheiros, e quando solicitados precisam do planejamento feminino para possível execução (RIBEIRO, 2021). Entretanto, em tempos de crise as mulheres têm sobrecarga patente no espaço domiciliar, em especial, pela desestruturação de rotinas e conciliação com trabalho formal, seja ele presencial ou *home office* que resultam em horas exaustivas de trabalho (LEMOS *et al.*, 2020).

De acordo com pesquisa nacional, durante a pandemia as mulheres foram mais impactadas pelo isolamento social, pois ficaram em casa (16%) mais do que os homens (9%) (RIBEIRO; SILVA, 2020). Nesse contexto, o cuidado individual e coletivo durante a pandemia estampou campanhas universais para controle da Covid-19 e, no espaço domiciliar, por sua vez, centraliza a execução das atividades sob as mulheres que precisaram lidar integralmente com o cuidado materno diante do fechamento de espaços educacionais e limitação do suporte das redes de apoios devido as medidas restritivas, além do cuidado com outras pessoas doentes e não doentes (ANTUNES, 2020c). Essas situações foram destacadas na reportagem apresentada na figura 8.

**Figura 8** - Manchete do jornal O Globo - Pandemia reforça desigualdade no tempo de convívio entre mães e filhos.



Fonte: jornal O Globo (2021).

Conforme ilustrado na reportagem do dia 02 de julho de 2021, no jornal O Globo, comumente o trabalho doméstico não-remunerado e de cuidado são realizados

coletivamente pelas mulheres e seu ciclo de apoio composto também por outras mulheres sejam familiares, vizinhas ou contratadas gerando camadas sobrepostas na atribuição do sentido de maternidade entre mulheres (MARTINS, 2021). Com o fechamento de escolas e creches, muitas mães passaram a conviver com seus filhos no espaço domiciliar e serem as principais responsáveis pela educação e cuidados infantis integralmente, tendo em vista, a limitação da rede de apoio durante o isolamento social para auxílio e divisão das tarefas (BLOOMBERG, 2021b).

O trabalho invisível e ininterrupto das mulheres pela laboriosa conciliação entre trabalho formal, doméstico não-remunerado e cuidados infantis foi também salientado nas reportagens analisadas. Uma das entrevistadas, em *home office*, refere a dificuldade para cumprir as horas de trabalho e a interrupção pelas demandas maternas (GARCIA, 2020). Existe heterogeneidade entre as mulheres interseccionadas pela classe, raça e cor, entretanto, cada uma delas nesse contexto tiveram em níveis diferentes sobreposições de afazeres doméstico e de cuidado, especialmente as chefas de família ou mães solo que sentiram mais impactadas pelos efeitos oriundos da pandemia (ANTUNES, 2020d).

A reportagem do dia 29 de maio de 2020, no jornal O Globo, apresenta evidências sobre mães solo durante a pandemia, tendo em vista, os obstáculos para realizarem todas as atividades sozinhas sem rede de apoio. Dados apresentados apontam que existiam mais de 11,5 milhões de famílias monoparentais formadas por mulheres e com filhos menores de 14 anos, no Brasil. Com o avanço da pandemia muitos homens - pais - deixaram as famílias, e com isso gerando sobrecarga e adoecimento de mulheres que passaram a lidar integralmente com todas as tarefas (RAMOS, 2020c).

Pesquisa nacional revela que metade das mulheres passaram a cuidar de alguém durante a pandemia e com a crise sanitária as responsabilidades e tensões acerca do cuidado foram exacerbadas, principalmente a materna. Quanto à limitação das redes de apoio, 42% das mulheres não tinham apoio além do núcleo familiar, 15% recorreram a instituições educacionais e 12% que contratavam serviços, eram maioria branca (52,5%). Comumente, as redes de apoio são compostas por mulheres da família ou conhecidas, dessas constantemente invisibilizada pelo recorte de classe e raça (55%) são mulheres negras (SEMPREVIVA, 2020).

Conforme o exposto durante a pandemia houve aumento da sobrecarga de trabalho para as mulheres com impactos em várias esferas de vida, e entre elas, estão inclusas às pesquisadoras com queda na produção científica, conforme mostra a figura 9.

**Figura 9** - Manchete do UOL - Produção científica de mulheres despenca na pandemia - de homens, bem menos.

## Produção científica de mulheres despenca na pandemia –de homens, bem menos



Fernanda Stanislauski liderou pesquisa sobre impacto do isolamento social na produção científica de mulheres.  
Imagem: Arquivo pessoal

Fonte: UOL (2020).

Conforme apresentado na reportagem do dia 26 de maio de 2020, a diminuição da produção científica está associada a sobreposição de tarefas domésticas, *home office*, aulas remotas, educação infantil e cuidado integral durante a pandemia, especialmente para mulheres. Tudo isso dentro do único espaço possível, com falta de rede de apoio e momento para si. O conteúdo expressa dados alarmantes quanto ao cenário da pesquisa para mulheres, ao serem questionadas sobre a construção ou publicação de artigos científicos 40% das mulheres sem filhos, e 20% dos homens não concluíram; em paralelo, 52% das mulheres com filhos, para 38% dos homens não concluíram os artigos (GARCIA, 2020).

Outros dados na reportagem supracitada apontam que a média das mulheres como primeiras autoras de artigos científicos entre os anos de 2016 e 2020 era 37%, com o avanço da pandemia o índice declinou (13%). O conteúdo corrobora com pesquisa nacional do ano de 2020 que apresenta redução da publicação de artigos científicos com representatividade de mulheres como primeiras autoras, quando comparados com o mesmo período do ano anterior, entretanto, o número de autores homens teve aumento expressivo. Nesse contexto, faz-se necessário salientar que mulheres negras enfrentam obstáculos maiores para efetivação da sua participação e publicações científicas (GARCIA, 2020).

As informações mostradas nessa categoria revelam a sobreposição de trabalhos realizados pelas mulheres durante a pandemia, sem apoio social de outras mulheres em decorrência do distanciamento social. As repercussões das sobreposições, certamente aparecerão ao longo dos anos, com agravos na saúde, no mercado de trabalho, nas

relações sociais, econômicas e políticas. Assim, torna-se necessário, alerta para profissionais de saúde no tocante a ampliar o olhar para novas demandas de saúde das mulheres em decorrência dos efeitos da pandemia.

#### 4.1.3 Pandemia: Agravos para saúde das mulheres

No processo de análise, as repercussões da pandemia Covid-19 na saúde das mulheres foram identificadas em 58 reportagens. Muitas reportagens utilizavam imagens para revelar aspectos relacionados à saúde física, mental, sexual e reprodutiva, com destaque para elementos dos marcadores sociais de geração, raça e classe social. Dentre os fatores para os agravos tiveram destaque: adoecimento mental e comportamento de risco; limitação do acesso aos serviços de saúde; inatividade física/comportamento sedentário; atividades laborais com exposição a contaminação pela Covid-19; mortalidade materna e aborto; pobreza menstrual.

Um dos primeiros grupos de mulheres a sofrer as repercussões de saúde pela pandemia foi a de profissionais de saúde e dentre essas destacam-se as enfermeiras. Em 22 de abril de 2020, reportagem publicada no jornal O Globo evidenciou os riscos de adoecimento mental e de contaminação do coronavírus entre profissionais de saúde (Figura 10). Dentre os fatores foram destacadas: condições insalubres de trabalho pela falta de materiais, equipamentos de proteções individuais e álcool em gel em consonância com mudança e adaptação da rotina desconhecida no momento. Foram relatados sinais de exaustão pela jornada árdua de trabalho e medo de contaminar os familiares, inclusive mães deixaram de amamentar e abraçar os filhos para evitar propagação do vírus e, muitas vezes, negligenciando o autocuidado devido ao cansaço (OLIVA, 2020).

**Figura 10** - Manchete do jornal O Globo - Coronavírus: quatro enfermeiras relatam o cotidiano exaustivo de quem está na linha de frente do combate à Covid-19.

### Coronavírus: quatro enfermeiras relatam o cotidiano exaustivo de quem está na linha de frente do combate à Covid-19

Profissionais falam sobre falta de equipamentos, jornadas exaustivas e a dificuldade de dar conta da vida pessoal na categoria em que as mulheres são mais de 80% da força de trabalho

Gabriela Oliva

22/04/2020 - 06:00 / Atualizado em 08/05/2020 - 16:48



Mulheres são 88,6% dos enfermeiros no Brasil e estão na linha de frente do combate ao novo coronavírus Foto: Reprodução

Fonte: jornal O Globo (2020).

Com o avanço da pandemia, houve sobrecarga nos serviços de saúde pelo aumento dos casos da Covid-19, e com isso as repercussões na saúde mental das trabalhadoras da saúde foram intensificadas. Reportagem do dia 30 de janeiro de 2021, no UOL, declara que as profissionais negras, especialmente na área da enfermagem, estão entre as/os profissionais de saúde mais afetadas psicologicamente pela crise sanitária. Elas sentem-se menos preparadas, sofrem com assédio moral, realizam menos testes e apresentam mais temor em relação a contaminação pela doença (SANTANA, 2021).

A intensificação do sofrimento mental para a população feminina, de um modo geral, continua em destaque nos meses seguintes, como mostra a manchete publicada no dia 19 de junho de 2020, no jornal O Globo (Figura 11). O conteúdo analisado mostra que o medo de contágio e morte pela doença, as incertezas econômicas e a violência estão entre os propulsores para o desencadeamento de manifestações psicossomáticas e comprometimento da qualidade de vida e saúde. Dentre os grupos populacionais, as mulheres têm mais predisposição para o adoecimento mental, uma vez que, vivem a sobrecarga no contexto da pandemia (RAMOS, 2020d).

**Figura 11** - Manchete do jornal O Globo - Saúde mental: mulheres têm mais risco de apresentar sofrimento psicológico relacionados à Covid-19.



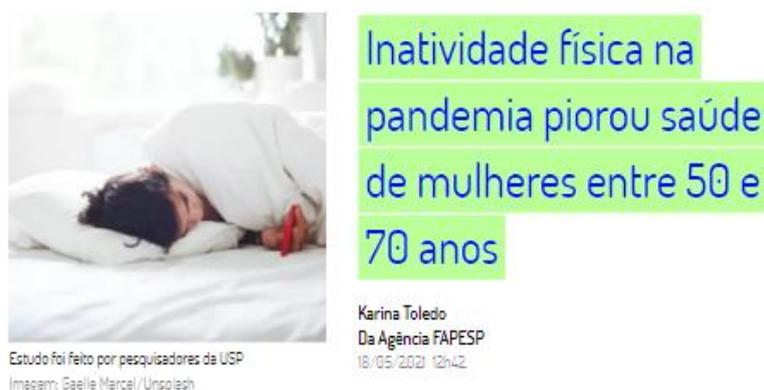
Fonte: jornal O Globo (2020).

Essa situação é sinalizada para outros países, a exemplo do Afeganistão, Indonésia e Tailândia. Neles, os dados mostram que 70% das mulheres apresentavam sinais e sintomas de sofrimento psicológico, em comparação com 52% dos homens, conforme reportagem do dia 21 de julho de 2021, no UOL (EFE, 2020). Dados nacionais das reportagens dos dias 14 de fevereiro de 2021 e 24 de fevereiro de 2021, no UOL, confirmam que mulheres são mais afetadas psicologicamente, correspondendo a presença de sintomas depressivos, ansiedade, mudanças de humor/irritabilidade, alterações no sono/repouso e aumento nas taxas do suicídio, além de evidenciar a correlação dos

transtornos associados ao consumo de álcool e outras drogas, compulsividade alimentar e uso de medicamentos (FERREIRA, 2021a; WINGFIELD-HAYES, 2021).

O jornal O Globo, no dia 25 de setembro de 2020, mostrou que mulheres jovens, com idade entre 16 e 24 anos, apresentaram sinais e sintomas de transtornos psicológicos mais preocupantes (11%) do que antes da pandemia (OPPENHEIM, 2020). Muitas começaram a fazer acompanhamento profissional, evitar o consumo de notícias relacionadas a Covid-19 e exercícios de respiração para controle das crises (RAMOS, 2020). Na perspectiva de demarcar agravos para saúde das mulheres relacionado com a idade, a manchete da reportagem (Figura 12), do dia 18 de maio de 2021, no UOL, retrata uma situação de inatividade física e a manchete alerta para os riscos dessa inatividade para mulheres com idade entre 50 a 70 anos.

**Figura 12** - Manchete do UOL - Inatividade física na pandemia piorou saúde de mulheres entre 50 e 70 anos.



Fonte: UOL (2021).

O conteúdo da reportagem alerta para piora no quadro geral de saúde das mulheres, com risco para o desenvolvimento de doenças crônicas não transmissíveis ou agravamento do quadro de problemas cardiovasculares e metabólicos preexistentes (TOLEDO, 2021). Estudo nacional evidencia aumento da prevalência em atividade física de homens (37,1%) e redução acentuada na prática (16,9%) realizada pelas mulheres, sendo a escolha pelo ambiente domiciliar correspondente ao local com maior taxa (53,9%) (SILVA *et al.* 2020 ).

As medidas restritivas impostas pela pandemia colaboraram para a remissão do câncer de mama, quer seja pela inatividade física, quer seja pela dificuldade do acesso aos serviços de saúde para realização de exames preventivos e/ou diagnósticos, a exemplo do mamografia e ultrassonografias. A remissão do câncer de mamas de deu, sobretudo pelo risco de contaminação pela Covid-19, perda de contato com colegas e falta de

ambiente agradável. Reportagem divulgada dia 23 de janeiro de 2021, do UOL, salienta o aumento de peso corporal (90%) como fator de risco para incidência de cânceres e agravamento dos sintomas relacionados a Covid-19 (58%) (FERREIRA, 2021b). O registo da redução do número de mamografias (1.126.688) realizadas em 2020 quando comparadas ao ano anterior (1.948.41) foi sinalizado no material analisado, ressaltando que foram quase 800 mil exames a menos e, provavelmente, 4 mil casos de câncer de mama não diagnosticados com eventual sobrecarga para os serviços de saúde e diagnóstico tardio (ALVIM, 2021).

A limitação do acesso à saúde pelo redirecionamento da atenção dos serviços de saúde para a pandemia, vinculado ao racismo estrutural e institucional demarcou agravos para várias situações de saúde das mulheres, sobretudo para as mulheres negras. Essa situação foi ressaltada na manchete destacada na Figura 13, referente a reportagem divulgada no dia 29 de maio de 2021, no jornal O Globo.

**Figura 13** - Manchete do jornal O Globo - Morte de grávidas e puérperas por Covid-19 é 78% maior entre mulheres negras do que em brancas.

## Morte de grávidas e puérperas por Covid-19 é 78% maior entre mulheres negras do que em brancas

O levantamento foi feito pela ONG Criola, que atua na defesa dos direitos de mulheres negras, com dados do Observatório Obstétrico Brasileiro Covid-19

Cintia Cruz  
29/05/2021 - 04:30 / Atualizado em 29/05/2021 - 16:32

   | Newsletters 



Gestantes e puérperas negras mortas pela Covid-19 correspondem a 55,6% dos óbitos entre as grávidas no Brasil  
Foto: Márcia Foletto / Agência O Globo

Fonte: jornal O Globo (2021).

O conteúdo da reportagem apresenta evidências do aumento da mortalidade materna, sobretudo para mulheres negras no contexto da pandemia. Antes, as taxas de mortalidade por causas evitáveis para o grupo já eram considerados altos, com a pandemia ficaram alarmantes pela maior probabilidade de agravamento do quadro da Covid-19. Dados evidenciam que o aumento da mortalidade de grávidas e puérperas negras por Covid-19 (78%), sobrepôs as mortes das mulheres brancas, sendo as negras correspondentes a taxa de 55,6% dos casos (CRUZ, 2021). Os relatos apontam a correlação entre o agravamento dos quadros com a demora no diagnóstico, regulação para vagas em hospitais e dificuldades para realização do pré-natal, tendo em vista, a limitação aos serviços básicos de saúde e atendimentos presenciais (AZEVEDO, 2021).

O avanço da pandemia elevou também as taxas de mortalidade materna, com destaque para as mulheres negras. Em março de 2020 havia registros de aproximadamente 10 óbitos por semana, no mês seguinte, a taxa de registro foi de 22 casos. As mulheres vivenciaram fatores estressores das incertezas pelas complicações da Covid-19, a decisão sobre acompanhamento médico presencial pelo medo de contaminação e o sofrimento por não terem certeza conseguiriam ver os filhos ao nascerem, tendo em vista, o aumento no número de internações na UTI de gestantes, puérperas e recém-nascidos, conforme a reportagem do dia 13 de maio de 2021, no jornal O Globo (SCATOLINI, 2021). Nesse contexto, as mulheres tiveram restrição de direitos conquistados, a exemplo da proibição do acompanhamento no parto e pós-parto, pela justificativa de evitar a disseminação da doença (FARIAS, 2020).

Isto posto, o Ministério da Saúde fez a recomendação para as mulheres adiar a gravidez, devido aos riscos de complicações e morte pela Covid-19, conforme mostrado em reportagem do dia 16 de abril de 2021, no jornal O Globo (FERREIRA, 2021c). O agravamento dos casos de transtornos psíquicos como, depressão pós-parto e ansiedade foram evidenciados na reportagem do dia 06 de junho de 2021, no jornal O Globo e em pesquisa internacional, principalmente pelas mudanças gestacionais, limitações da rede de apoio e medo diante das vulnerabilidades no contexto da pandemia, sobretudo para mulheres negras e pobres, inseridas no contexto de maior exposição a violência obstétrica (SOUSA *et al.*, 2021; ANTUNES, 2021e).

Com a pandemia, milhares de mulheres estão em situações de desigualdades e vulnerabilidades, conseqüentemente, suscetíveis às barreiras no acesso aos serviços voltados para a saúde sexual e reprodutiva, e a proteção de seus corpos. A manchete da reportagem divulgada no dia 14 de junho de 2021, no jornal O Globo, salienta a luta das mulheres pelo direito ao aborto legal (Figura 14):

**Figura 14** - Manchete do jornal O Globo - Em meio ao aumento da violência sexual na pandemia, grupo luta pelo direito ao aborto legal à distância.

## Em meio ao aumento da violência sexual na pandemia, grupo luta pelo direito ao aborto legal à distância

Entre agosto de 2020 e junho de 2021, 17 meninas e mulheres vítimas de estupro puderam ter garantido o procedimento de forma remota

Audrey Furlaneto\*  
14/06/2021 - 04:30

f t l | Newsletters



Vítimas de estupro puderam ter garantido o direito ao procedimento de forma remota Foto: Renata Almeida

Fonte: jornal O Globo (2021).

Até junho de 2021 o índice de mulheres em busca de aborto legal foi alto, no hospital de São Paulo, revelando mais um agravamento para a saúde das mulheres em decorrência da pandemia. Desse modo, o Núcleo de Atenção Integral a Vítimas de Agressão Sexual (Nuavidas) entrou em ação no modo telemedicina – com orientações e vigilância 24 horas – e conseguiu prover assistência humanizada para 244 meninas e 138 mulheres, no ano de 2020 (FURLANETO, 2021a; FARIAS, 2020).

Dados da reportagem do dia 28 de abril de 2020, no jornal O Globo, reafirmam que a limitação do acesso aos serviços essenciais de saúde sexual e reprodutiva, como planejamento familiar e a perda do acesso a contraceptivos - afetados pela interrupção na cadeia de suprimentos - podem gerar para 44 milhões de mulheres em diversos países 1 milhão de gravidezes não planejadas, e caso as restrições sejam prolongadas o número pode chegar a 7 milhões (REUTERS, 2020).

Outro aspecto agravante da pandemia para a saúde das mulheres, destacado nas reportagens, foi a pobreza menstrual. A reportagem publicada no dia 16 de maio de 2021, no jornal O Globo, deu visibilidade ao agravamento nas condições das mulheres sem acesso a itens básicos, como absorventes (FURLANETO, 2021b). Ademais, conforme discutido anteriormente, as trabalhadoras sexuais precisaram voltar às ruas para garantir a renda e o sustento, para isso, foram orientadas a incluir no kit de cuidados para evitar Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), peças de roupas para trocar entre os programas, máscara, álcool em gel e cartilhas de orientação sobre a prevenção da Covid-19. E, o estabelecimento de regras como: proibido beijar e ficar de costas durante o ato sexual para reduzir o risco de adoecimento pela exposição ao coronavírus (SOUTO, 2021).

Nos dados apresentados fica evidente que a saúde das mulheres foi e continua sendo agravada, em muitos setores, pela pandemia. O agravamento parece ser duplo para as mulheres que são profissionais de saúde, seja pelos riscos profissionais ou pelos riscos individuais, sociais e programáticos inerentes a toda população feminina. Os distintos contextos de vida, interseccionados pela raça/cor, geração, condição social e econômica, comportamentos e crenças certamente convergem para agravar e/ou beneficiar as condições de saúde. Nesse contexto, as desigualdades de gênero, raça e classe social evidenciadas pela pandemia acarreta agravos, sobretudo à saúde mental em diferentes níveis, uma vez que há uma ameaça constante de perdas por mortes físicas, perdas de emprego, moradia, relações conjugais e afetivas, perdas de direitos adquiridos e de forças para lutar por novos direitos. O adoecimento é geral, com agravos físicos, mental e social.

#### 4.1.4 Situações de violências pelo isolamento social

A violência contra a mulher é um problema de saúde pública de ordem mundial e, durante a pandemia, apresentou aumento nos dados oficiais, conforme anunciado em 40 registros das 81 reportagens analisadas, destacada em 20 títulos.

As primeiras publicações abordando a “violência contra as mulheres” foram divulgadas desde o início da pandemia, com notificações de alarmes quanto ao crescimento exponencial das diversas situações e formas de violências evidenciadas no seu cotidiano em 19 países, conforme registrado na figura 15 (AFP, 2020a). O material analisado registra situações de violência doméstica, sexual, racial e de gênero, com destaque nas publicações para os alarmantes números dos casos de violência doméstica e os altos índices de feminicídio no período.

**Figura 15** - Manchete do jornal UOL - Violência contra as mulheres dispara em todo o mundo na pandemia.



Fonte: UOL (2020).

O uso de fotografias e ilustrações presentes nas reportagens analisadas contextualizaram a violência doméstica. A imagem da figura 15, utilizada na reportagem do dia 23 de novembro de 2021, no UOL, representa o espaço domiciliar e a forma oculta da violência contra as mulheres. A casa é representada pelo desenho de forma escura e sombria. A porta corresponde ao formato de miolo da fechadura fazendo alusão ao que minimamente acontece dentro do espaço doméstico ou é visto por quem está do lado de fora. Sugerindo ser um local restrito pela dificuldade de entrar ou sair, tanto para oferecer ajuda quanto para buscar socorro. Dentro desse espaço tem mulher em posição subalterna e com medo, posicionada de joelhos abaixo de uma mão com punho fechado apontada para sua cabeça de modo a insinuar poder. No ambiente domiciliar geralmente não há

testemunhas e, muitas vezes, há impossibilidade de pedir ajuda ou fugir do ciclo da violência. A crença de que dentro das casas dos outros, bem como em suas relações não é permitido intromissão de terceiros, reverbera nos casos de vítimas de violências.

As situações de violências foram exacerbadas em associação às derivações das violências raciais, desigualdade econômica e condições subalternas de sobrevivência por conta da favelização. Nesse contexto, a maioria das vítimas são mulheres negras e periféricas (BERTH, 2020). Inegavelmente a violência atinge todas as mulheres e sua interseccionalidade com a questão racial amplia a vulnerabilidade para as mulheres negras (CARRIJO; MARTINS, 2020; MALTA *et al.*, 2020).

Os dados da Rede de Observatórios do ano de 2020 divulgado no material analisado salienta a violência contra as mulheres em cinco estados brasileiros: Bahia, Ceará, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo (Figura 16), com destaque para tentativas de feminicídio/agressão física ou feminicídio, de homicídio ou homicídio; violência sexual/estupro; agressão verbal/ameaça; tortura/cárcere privado/sequestro (CRUZ; RAMOS, 2021). Nesse contexto, o estado da Bahia ocupa o 4º lugar, apresentando aumento nas taxas de homicídios em violências contra as mulheres; seguido da aplicação nos índices das tentativas de feminicídio.

**Figura 16** - Imagem da reportagem do jornal O Globo - Cinco casos de violência contra a mulher foram registrados por dia em 2020, indica pesquisa em cinco estados.



Fonte: Jornal O Globo (2020).

Vale ressaltar que no contexto da pandemia, a presença constante do agressor no espaço domiciliar impediu as denúncias, ligações e/ou pedidos de ajuda. Ademais, as

limitações aos serviços da justiça e delegacias, suspensão de audiências gerou instabilidade nos serviços de proteção às mulheres, assim como o direcionamento dos sistemas de saúde para a Covid-19 reduziu a busca de assistência das mulheres nos serviços, ocorrendo apenas a presença em casos muito graves (AFP, 2021; O GLOBO, 2021b). Mesmo assim, as reportagens confirmam o aumento do número de denúncias que iniciaram no mês posterior ao início do confinamento, em consonância com o aumento de solicitações para abrigos de emergência, os quais em alguns locais chegaram a atingir sua capacidade máxima em comparação ao mesmo período de anos anteriores (AFP, 2021).

Conforme ilustrado pela figura 17, no ano de 2020, os chamados de emergência para atendimento à mulher vítima de violências aumentaram, com registros de uma ligação a cada minuto. No entanto, a exclusão digital do acesso à *internet*, incluída pela ONU como direito humano básico e a dependência de serviços públicos para mulheres negras são obstáculos para concretização das denúncias (LIMA; OLIVEIRA, 2020), reduzindo as possibilidades de interrupção do ciclo da violência, com subnotificações que favorecem a impunidade dos agressores.

**Figura 17** - imagem da reportagem do jornal O Globo - Brasil registrou uma denúncia de violência doméstica por minuto em 2020.



Fonte: Jornal O Globo.

Os dados evidenciam a redução nos registros das denúncias por assédio, lesão corporal, violência sexual, como estupro, as quais exige denuncia presencial e exame pericial (ANTUNES, 2020f). Houve também queda acentuada nos boletins de ocorrência por lesão corporal (7,4%).

As reportagens revelam que a pandemia incitou a sextorção, com a troca de sexo por moradia, resultante do crescimento da pobreza e do desemprego gerados pela crise econômica. Diante da dificuldade em quitar o aluguel e a necessidade de ter onde morar, muitas inquilinas receberam propostas sexuais de proprietários de imóveis. Infelizmente, relata as reportagens, muitas não tiveram escolha, principalmente as mães solo, como mostra o trecho a seguir: *"Se eu não fizesse sexo com ele, ele me colocaria para fora"* (MILNE, 2020).

Somam-se a essas formas de violências, tantas outras, a exemplo das mutilações genitais e casamentos infantis forçados, vinculados a fatores intrínsecos aos aspectos culturais, sociais e religiosos (AFP, 2020). A prática de mutilações genitais é reconhecida como violação dos direitos humanos, provoca danos à saúde física e mental e, até morte (ONU, 2022). O Brasil é considerado o 5º país no mundo em número de uniões precoces, privando mais de 2,2 milhões de meninas da sua infância, com repercussões na fase adulta de mulheres (O GLOBO, 2021c).

Os documentos apontaram, ainda, aumento progressivo nas taxas de feminicídios por razão de gênero e ameaça de morte nos meses de março e abril do ano de 2020, em comparação aos anos anteriores. Nesse período, doze estados brasileiros apresentaram alta de 22,2% de violências, com aumento de 0,8% nas taxas de homicídios dolosos e de 1,2% para feminicídios (BRASIL, 2020c). O feminicídio é a forma fatal do aglomerado das diferentes violências que atingem mulheres que são marcadas pela desigualdade de poder e pela estrutura patriarcal que as permeiam até chegar ao golpe final: a morte (CHAGAS; OLIVEIRA; MACENA, 2020).

Em 2021, o número por mortes violentas de mulheres foi de 3.913, no entanto, os tipificados perante a lei como feminicídio registraram apenas 1.350 (Figura 5). O perfil das vítimas de feminicídios comumente são jovens com faixa etária entre 18 e 44 anos, negras e mortas por companheiros ou ex-companheiros. A não tipificação do feminicídio enfraquece os movimentos de defesa e proteção das mulheres vítimas de violência.

Apesar das dificuldades encontradas no período da pandemia, as solicitações para medidas protetivas de urgência solicitadas e as ligações para as redes de proteção e direito das mulheres se constituíram nas principais estratégias para manutenção da vida. Ao todo, em 2020, foram cerca de 294.440 ordens de afastamento do lar, proibição de aproximação e contato com a vítima, ou suspensão de visita dos filhos expedidos (ANTUNES, 2021f). Outra alternativa, foram os “sistemas de alerta de emergência” nos serviços essenciais para que mulheres pudessem pedir ajuda de maneira segura utilizando códigos

(AFP, 2020b). A formação de redes de apoio pelas mulheres contra a violência doméstica foi destaque na pandemia, como mostra a reportagem da figura 18:

**Figura 18** - Manchete do UOL - Mulheres foram redes de apoio contra a violência doméstica na pandemia.



Fonte: UOL (2020).

Ademais, a popularização das redes sociais possibilitou que as redes de apoio e afeto nesse momento fossem virtuais. Com isso, grupos e pesquisas *on-line* nessas mídias oportunizaram mulheres a denunciar e alertar outras vítimas da violência. Alguns desses canais tem roteiro com lista de iniciativas informativas sobre como e onde pedir ajuda ou denunciar o ciclo de violência apresentando cenários possíveis para sair da situação opressora (CARVALHO; 2020).

Os documentos revelam que todas as situações de violência que permeiam a vida das mulheres foram acentuadas comprovando que mulheres estão mais expostas a terem sua autonomia, direitos e liberdades negligenciadas em tempos de crise. Há ainda de se considerar que os fatores intrínsecos a violência contra as mulheres carecem de levar em consideração a sobreposição da interseccionalidade de classe, gênero e raça em todas as dimensões sociais. Visto que, os efeitos repercutidos durante a pandemia da Covid-19 acometeram de forma desigual e com consequências divergentes para cada grupo. Nesse sentido, a limitação da implementação das políticas públicas e acesso a serviços básicos agravou a situação das mulheres pretas e periféricas, que historicamente sempre sofreram os impactos dessas mazelas sociais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho constitui não apenas a conclusão de uma tarefa acadêmica desafiadora, mas também a superação de limites pessoais com muitos aprendizados e possíveis desdobramentos.

Os dados apresentados comprovam o alcance do objetivo proposto, diante de um tema complexo num contexto de pandemia. A metodologia se mostrou adequada ao objetivo, revelando-se inovadora, para a pesquisadora, pelo uso da mídia como fonte de dados de pesquisa. Os resultados evidenciaram várias formas de agravos para saúde das mulheres decorrentes não apenas das medidas preventivas de disseminação da Covid-19, como também das repercussões políticas, econômicas e sociais relacionadas a mais uma devastadora crise sanitária.

A pandemia traz à tona desigualdades de gênero, raça e classe social histórica, social e culturalmente construídas. Desse modo, evidenciou que as mulheres eram, foram e continuam sendo as principais responsáveis pelo trabalho doméstico não-remunerado e de cuidados com crianças, familiares e idosos. Assim, as mulheres perderam vagas no mercado de trabalho e a concorrência entre mulheres e, dessas com os homens, para trabalhos remunerados e socialmente reconhecidos, ficou ainda mais acirrada. Nesse contexto, as mulheres tornaram-se alvo de violências, sobretudo domésticas e conjugais e, muitas precisaram retomar ao trabalho de profissionais do sexo para garantir o seu sustento e da família.

O fechamento de serviços básicos de proteção para as mulheres, assim como o foco da atenção de saúde para as demandas específicas causadas pelo coronavírus promoveu vários agravos à saúde física, mental, sexual e reprodutiva da população feminina nos distintos contextos sociais do mundo. Fica evidente, portanto, que a pandemia agravou e continuará agravando a saúde das mulheres, tornando-se relevante novas investigações que possam visibilizar as nuances do agravamento e exploração no cotidiano das mulheres, especialmente negras e pobres.

Deste modo, foram desveladas pela mídia a partir de discussões e narrativas das problemáticas estruturais que mulheres fazem parte do grupo mais vulnerável ao contexto da pandemia e, foram as mais impactadas pela intensificação dos fatores propulsores as repercussões desiguais do cenário. Com isso, contribuíram para a visibilização do agravamento das condições de vida e saúde para as mulheres nas diversas dimensões mencionadas, e ampliaram olhares e reflexões sob a perspectiva de gênero em um mundo

pós-pandemia. Afinal, tivemos noção dos acontecimentos durante a crise, contudo quais serão as consequências futuras?

Nesse sentido, faz-se necessário ampliar discussões sobre a saúde das mulheres na formação profissional, assim como em atividades de educação permanente, especialmente de enfermeiras, visando sensibilizar profissionais e as próprias mulheres para o desenvolvimento de estratégias de fortalecimento das políticas públicas e implantação de ações e novas políticas que atendam e acolham as demandas das mulheres, com base nos princípios da integralidade, equidade e universalização da assistência.

Dentre as limitações da pesquisa pode-se citar a restrição em apenas duas fontes de dados, entretanto, cabe salientar que não invalida e/ou reduz a relevância do estudo, uma vez que, o quantitativo de reportagens foram essenciais para a colaboração com a literatura científica. Todavia, o uso das mídias como fontes de dados no cenário oportunizou a continuidade da pesquisa diante das restrições e limitações de contato, além da aproximação e compreensão da temática pelo intermédio da utilização de outra forma para realizar pesquisas, sob um olhar atento e crítico direto das fontes documentais. E, diante da lacuna exposta existem possibilidades de avançar diretamente na abordagem de cada área elucidada no contexto da pandemia, de forma a tentar prevenir piora ou agravamento na situação de mulheres em um mundo pós-pandemia. Porque, sem dúvidas, deixará sequelas inenarráveis.

Espera-se que a divulgação da pesquisa no formato de dissertação, artigos científicos e trabalhos em eventos científicos possam contribuir para esse processo de sensibilização e fortalecimento de práticas de cuidados acolhedoras e atentas aos agravos na saúde causadas pela pandemia. Ademais, a vinculação desse trabalho com uma pesquisa de doutorado ressalta a integração entre discentes do grupo de pesquisa Sexualidades, Vulnerabilidades, Drogas e Gênero e demarca uma forma de apoio entre mulheres num processo de integração acadêmico, mas também de gênero para resistir e criar formas de resiliências para as desigualdades impostas.

Esta foi uma pesquisa realizada por uma mulher negra, com apoio de muitas outras mulheres com idades, saberes e títulos diferenciados, de dentro e fora da universidade, conquistados com muita luta numa sociedade desigual, patriarcal e machista. Estamos com a saúde abalada de diversas formas, mas estamos unidas numa rede de solidariedade que nos impulsiona a ir em frente: Seguimos, num esforço coletivo com a certeza de que no grupo “ninguém solta a mão de ninguém”.

## REFERÊNCIAS

ACAUAN, L. V, et *al.* Utilização do software IRAMUTEQ para análise de dados qualitativos na enfermagem: um ensaio reflexivo. **REME**. Rio de Janeiro, v.24, e1326. 2020. Disponível em:< <http://www.dx.doi.org/10.5935/1415-2762.20200063>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

AGUIAR, R.; ARAÚJO, I. S. A mídia em meio às ‘emergências’ do vírus Zika: questões para o campo da comunicação e saúde. **Rev. Eletron. Comun. Inf. Inov. Saúde**, v. 10, n. 1. 2016. Disponível em: <[https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1088/pdf\\_1088](https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1088/pdf_1088)>. Acesso em: 01 abr. 2021.

AGÊNCIA BRASIL. 39% das mulheres empreendedoras interromperam atividades durante a pandemia. **UOL**, 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/agencia-brasil/2020/05/23/39-das-mulheres-empreendedoras-interromperam-atividades-durante-a-pandemia.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

AFP. Pandemia de Covid-19 fez violência contra a mulher disparar em todo o mundo. **O Globo**, Brasil, 23 nov. 2020b. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/celina/pandemia-de-covid-19-fez-violencia-contra-mulher-disparar-em-todo-mundo-24761185>>. Acesso em: 25 abr. 2022.

AFP. Violência contra as mulheres dispara em todo o mundo na pandemia. **O Globo**, Brasil, 23 nov. 2020a. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/afp/2020/11/23/violencia-contra-as-mulheres-dispara-a-outra-face-da-pandemia.htm>. Acesso em: 25 abr. 2022.

AFP. 'Ele me manteve presa e abusava de mim': o terrível cotidiano das vítimas de violência doméstica na pandemia. **O Globo**, Brasil, 2021. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/celina/ele-me-manteve-presa-abusava-de-mim-terrivel-cotidiano-das-vitimas-de-violencia-domestica-na-pandemia-24911111>>. Acesso em: 25 abr. 2022.

ALVIM, M. Câncer de mama: pandemia pode ter deixado 4 mil casos sem diagnóstico no Brasil, diz estudo. **Estado de Minas**, Brasil, 25 mai. 2021. Disponível em: <[https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/bbc/2021/05/28/interna\\_internacional,1271163/cancer-de-mama-pandemia-pode-ter-deixado-4-mil-casos-sem-diagnostico-no-br.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/bbc/2021/05/28/interna_internacional,1271163/cancer-de-mama-pandemia-pode-ter-deixado-4-mil-casos-sem-diagnostico-no-br.shtml)>. Acesso em: 25 abr. 2022.

ANTUNES, L. Coronavírus: pandemia deve aumentar a diferença salarial entre homens e mulheres. **O Globo**, Brasil, 2020a. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/celina/coronavirus-pandemia-deve-aumentar-diferenca-salarial-entre-homens-mulheres-24340927>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

ANTUNES, L. Coronavírus: pandemia impacta as mulheres de forma diferente. E isso precisa ser levado em conta para enfrentar a crise. **O Globo**, 2020b. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/celina/coronavirus-pandemia-impacta-as-mulheres-de-forma-diferente-isso-precisa-ser-levado-em-conta-para-enfrentar-crise-24330849>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

ANTUNES, L. Coronavírus: pandemia impacta as mulheres de forma diferente. E isso precisa ser levado em conta para enfrentar a crise. **O Globo**, 2020c. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/celina/coronavirus-pandemia-impacta-as-mulheres-de-forma-diferente-isso-precisa-ser-levado-em-conta-para-enfrentar-crise-24330849>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

ANTUNES, L. Como o debate sobre a volta às aulas impacta a vida das mães solo. **O Globo**, 2020d. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/celina/como-debate-sobre-volta-as-aulas-impacta-vida-das-maes-solo-1-24555098>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

ANTUNES, L. Pesquisadora investiga sofrimento de mulheres no puerpério e alerta para maior risco de depressão pós-parto na pandemia. **O Globo**, 2021e. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/celina/pesquisadora-investiga-sofrimento-de-mulheres-no-puerperio-alerta-para-maior-risco-de-depressao-pos-parto-na-pandemia-1-25043696>>. Acesso em: 25 abr. 2022.

ANTUNES, L. Brasil registrou uma denúncia de violência doméstica por minuto em 2020. **O Globo**, 2021f. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/celina/brasil-registrou-uma-denuncia-de-violencia-domestica-por-minuto-em-2020-25109553>>. Acesso em: 25 abr. 2022.

ALMEIDA, C.; ANTUNES, L. Pandemia faz sete milhões de mulheres deixarem o mercado de trabalho. **O Globo**, 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/celina/pandemia-faz-sete-milhoes-de-mulheres-deixarem-mercado-de-trabalho-24489196>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

ARAÚJO, G. Mães da favela: sem renda e sem auxílio do governo, mulheres alimentam suas famílias com doações articuladas pelas comunidades. **O Globo**, 2021. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/celina/maes-da-favela-sem-renda-sem-auxilio-do-governo-mulheres-alimentam-suas-familias-com-doacoes-articuladas-pelas-comunidades-24927743>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

ASSIS, M. de; SANTOS, R. O. M.; MIGOWSKI, A. Detecção precoce do câncer de mama na mídia brasileira no Outubro Rosa. **Physis**, v. 30, n. 1, e300119, 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/s0103-73312020300119>>. Acesso em: 26 abr. 2021.

AZEVEDO, A. L. Médicos defendem que grávidas correm perigo maior de Covid e deveriam ter prioridade no tratamento; conheça histórias. **O Globo**, 2021. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/coronavirus/medicos-defendem-que-gravidas-correm-perigo-maior-de-covid-deveriam-ter-prioridade-no-tratamento-conheca-historias-24964648>>. Acesso em: 25 abr. 2022.

BAHIA. **Boletim Epidemiológico COVID-19. Nº 383 - 11/04/2021**. Secretária da Saúde, Bahia, 2021. Disponível em: <[http://www.saude.ba.gov.br/wpcontent/uploads/2021/04/BOLETIM\\_ELETRONICO\\_BAHIAN\\_383\\_11042021.pdf](http://www.saude.ba.gov.br/wpcontent/uploads/2021/04/BOLETIM_ELETRONICO_BAHIAN_383_11042021.pdf)>. Acesso em: 11 abr. 2020.

BAHIA. Bahia confirma primeiro caso importado do Novo Coronavírus (Covid-19). **Secretária da Saúde, Bahia**, 2020a. Disponível em: <<http://www.saude.ba.gov.br/2020/03/06/bahia-confirma-primeiro-caso-importado-do-novo-coronavirus-covid-19>>. Acesso em: 23 mar. 2021.

BAHIA. Bahia confirma segundo caso do Novo Coronavírus (Covid-19). **Secretária da Saúde**, Bahia, 2020b. Disponível em: <<http://www.saude.ba.gov.br/2020/03/07/bahia-confirma-segundo-caso-do-novo-coronavirus-covid-19/>>. Acesso em: 07 mai. 2021.

BAHIA. Bahia confirma terceiro caso do Novo Coronavírus (Covid-19). **Secretária da Saúde**, Bahia, 2020c. Disponível em: <<http://www.saude.ba.gov.br/2020/03/11/bahia-confirma-terceiro-caso-do-novo-coronavirus-covid-19/>>. Acesso em: 07 mai. 2021.

BAHIA. Entenda as medidas de combate ao coronavírus na Bahia. **Secretária da Saúde**, Bahia, 2020d. Disponível em: <<http://www.bahia.ba.gov.br/2020/08/noticias/saude/entenda-as-medidas-de-combate-ao-coronavirus-na-bahia/#:~:text=O%20Decreto%20n%C2%BA%2019.529%2F2020,vigor%20desde%2016%20de%20mar%C3%A7o>>. Acesso em: 07 mai. 2021.

BBC. Bolsonaro é provavelmente o primeiro líder político da história a desencorajar vacinação, diz especialista francês. **BBC**, 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55939354>>. Acesso 30 marc. 2021.

BBC. Coronavírus: por que países liderados por mulheres se destacam no combate à pandemia? **BCC**, 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52376867>>. Acesso 26 mar. 2021.

BERTH, Joice. O OUTRO DO OUTRO A violência contra a mulher negra não começou na pandemia. **Folha de São Paulo**, 2020. Disponível: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-outro-do-outro/>>. Acesso em: 25 abr. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria MS/GM n. 356, de 11 de março de 2020. **Diário Oficial da União**, Brasília, seção 1:185, 2020<sup>a</sup>. Disponível em: <<http://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-356-de-11-de-marco-de-2020-247538346>>. Acesso em: 30 mar. 2020.

BRASIL. COVID-19: Painel Coronavírus. **Ministério da Saúde**, 2022. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: 14 mai. 2022.

BRASIL. Sobre a doença - Coronavírus. **Ministério da Saúde**, 2020b. Disponível em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/index.php/sobre-a-doenca#interna>>. Acesso em: 19 mar. 2021.

BRASIL. Anuário brasileiro de segurança pública. **Ministério da Saúde**, Brasil, 2020c. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/10/anuario-14-2020-v1-interativo.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. **Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas em Seres Humanos**. Disponível em: <<https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. **Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências**

**Humanas e Sociais.** Disponível em:

<<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2016.

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo: Edição Comemorativa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

BEZERRA, A. C. V. *et al.* Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, supl. 1, p. 2411-2421, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10792020>>. Acesso em: 07 mai. 2021.

BEZERRA, I. M. P. State of the art of nursing education and the challenges to use remote technologies in the time of CoronaVirus Pandemic. **Journal Of Human Growth And Development**, Espírito Santo, v. 30, n. 1, p. 141-147, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.7322/jhgd.v30.10087>>. Acesso em: 07 mai. 2021.

BAHIA. Boletim Epidemiológico COVID-19. **Secretária da Saúde**, Bahia, 25 mar. 2021. Disponível em: <[http://www.saude.ba.gov.br/wpcontent/uploads/2021/03/BOLETIM\\_ELETRONICO\\_BAHIAN\\_366\\_\\_25032021](http://www.saude.ba.gov.br/wpcontent/uploads/2021/03/BOLETIM_ELETRONICO_BAHIAN_366__25032021.pdf)>.pdf. Acesso em: 27 mar. 2021.

BARBOSA, D. J. *et.al.* Fatores de estresse nos profissionais de enfermagem no combate à pandemia da COVID-19: síntese de evidências. **Comun. Ciênc. Saúde**, v.31, n. 1, 2020. Disponível em: <<http://www.escs.edu.br/revistaccs/index.php/comunicacaoemcienciasdasaude/article/view/651/291>>. Acesso em: 11 nov. 2020.

BARROSO, H. C.; GAMA, M. S. B. A crise tem rosto de mulher: como as desigualdades de gênero particularizam os efeitos da pandemia do COVID-19 para as mulheres no Brasil. **Revista do CEAM**, v. 6, n. 1, p. 84-94, 25 ago. 2020. Disponível em:<<https://doi.org/10.5281/zenodo.3953300>>. Acesso em: 11 nov. 2020.

BARTOLO, G. Parem de culpar a pandemia pela saída das mulheres do mercado de trabalho! **O Globo**, 2021. Disponível em:<<https://oglobo.globo.com/celina/parem-de-culpar-pandemia-pela-saida-das-mulheres-do-mercado-de-trabalho-24968583>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

BATISTA, L. S. Mulheres fora do mercado de trabalho: mais um efeito colateral da pandemia. **O Globo**, 2021. Disponível em:<<https://oglobo.globo.com/celina/mulheres-fora-do-mercado-de-trabalho-mais-um-efeito-colateral-da-pandemia-24897841>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

BAZAN, P. R. *et al.* Exposição às informações sobre COVID-19 em mídias digitais e suas implicações para funcionários do setor de saúde: resultados de uma pesquisa online. **Einstein (São Paulo)**, São Paulo, v. 18, eAO6127, 2020. Disponível em: <[http://dx.doi.org/10.31744/einstein\\_journal/2020ao6127](http://dx.doi.org/10.31744/einstein_journal/2020ao6127)>. Acesso 01 abr. 2021.

BORTOLON, B.; MALINI, M.; MALINI, F.. Gênero e Ativismo Online: um estudo de caso da campanha Não Mereço Ser Estuprada no Facebook. **Intercom**, Brasil, 2015.

Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-3524-1.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2021.

BLOOMBERG. Pandemia atrasa em 10 anos participação de latino-americanas no mercado de trabalho. **UOL**, Brasil, 2021a. Disponível em: <https://6minutos.uol.com.br/carreira/participacao-de-latino-americanas-no-mercado-de-trabalho-retrocedeu-mais-de-dez-anos-com-pandemia/>. Acesso em: 20 abr. 2022.

BLOOMBERG. 3 vezes mais que homens: na pandemia, mulheres passam mais de 170 horas cuidando de crianças. **UOL**, Brasil, 25 jun. 2021b. Disponível em: <<https://6minutos.uol.com.br/carreira/3-vezes-mais-que-homens-na-pandemia-mulheres-passam-mais-de-170-horas-cuidando-de-criancas/>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

CADEMARTORI, D. M. L. de; NETO, E. J. de M. Poder, meios de comunicação de massas e esfera pública na democracia constitucional. **Sequência**, Florianópolis, n.66, pp.187-212, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.5007/2177-7055.2013v34n66p187>>. Acesso em: 26 abr. 2021.

CARRIJO, C.; MARTINS, P. A. A violência doméstica e racismo contra mulheres negras. **Rev. Estud. Fem.** v.28, n.2, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n260721>>. Acesso em: 24 abr. 2022.

CARON, E.; IANNI, A. M. Z.; LEFEVRE, F. A saúde como ciência e o corpo biológico como artefato: o caso do Jornal Nacional. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 4, p. 1333-1342, abr. 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232018234.13682016>>. Acesso em: 30 abr. 2021.

CARVALHO, V. B. de; MASSARANI, L. M.; SEIXAS, N. S. A. A cobertura de ciência em três jornais paraenses: um estudo longitudinal. **Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun.**, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 207-230, dez. 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1809-58442015211>>. Acesso em: 26 abr. 2021.

CARVALHO, D. Mulheres formam redes de apoio contra a violência doméstica na pandemia. **UOL**, Brasil, 08 mai. 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/05/08/mulheres-formam-redes-de-apoio-contr-a-violencia-domestica-na-pandemia.htm>>. Acesso em: 25 abr. 2022.

CHAGAS, E. R.; OLIVEIRA, F. V. A. de; MACENA, R. H. M. Mortalidade por violência contra mulheres antes e durante a pandemia de Covid-19: Ceará, 2014 a 2020. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro. v. 46, n. 132, p. 63-75, jan/mar, 2022. Disponível em: <[10.1590/0103-1104202213204](https://doi.org/10.1590/0103-1104202213204)>. Acesso em: 25 abr. 2022.

CANUTO, P. J. *et al.* Repercussões do isolamento social diante da pandemia covid-19: abordando os impactos na população. **Hygeia Edição Especial: Covid-19**, p.122-131, 2020. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/hygeia/article/view/54398/29147>>. Acesso em: 30 mar. 2021.

CNN. Primeiro lote da vacina Coronavac chega ao Brasil. **CNN**, Brasil, 19 nov. 2020. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2020/11/19/primeiro-lote-da-vacina-coronavac-chega-ao-brasil>>. Acesso em: 30 mar. 2021.

CNN. Painel da Vacina: Brasil está em 56º em ranking global e em 5º no total de doses. **CNN**, Brasil, 23 abr. 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/04/23/painel-da-vacina-brasil-esta-em-56-em-ranking-global-e-em-5-no-total-de-doses>>. Acesso em: 30 mar. 2021.

COFEN. Conselho Federal de Enfermagem. Brasil representa um terço das mortes de profissionais de Enfermagem por covid-19. **COFEN**, 2021. Disponível em: <[http://www.cofen.gov.br/brasil-responde-por-um-terco-das-mortes-de-profissionais-de-enfermagem-por-covid-19\\_84357.html](http://www.cofen.gov.br/brasil-responde-por-um-terco-das-mortes-de-profissionais-de-enfermagem-por-covid-19_84357.html)>. Acesso em: 26 mar. 2021.

COQUEIRO, J. M.; OLIVEIRA, A. E.; FIGUEIREDO, T. A. M. de. Diabetes Mellitus na mídia impressa: uma análise das matérias nos jornais do Espírito Santo, Brasil. **Saúde debate**, Rio de Janeiro, v.43, n.121, p.530-542, abr. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-1104201912119>. Acesso em: 01 abr. 2021.

CORREIO. Número de casos e mortes por covid reduzem quase 40% na Bahia em julho. **Correio 24 horas**, 2021. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/numero-de-casos-e-mortes-por-covid-reduzem-quase-40-na-bahia-em-julho/>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

CORTES, L. F. *et al.* Desafios na proteção às mulheres em situação de violência no contexto de pandemia da covid-19. **Ciência, Cuidado E Saúde**, v.9, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.4025/ciencucidsaude.v19i0.54847>>. Acesso em: 26 mar. 2021.

COSTA, S. da S. Pandemia e desemprego no Brasil. **Rev. Adm. Pública**, Rio de Janeiro, v. 54, n. 4, p. 969-978, ago. 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0034-761220200170>>. Acesso em: 26 mar. 2021.

CRUZ, C. Morte de grávidas e puérperas por Covid-19 é 78% maior entre mulheres negras do que em brancas. **O Globo**, Brasil, 29 mai. 2021. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/celina/morte-de-gravidas-puerperas-por-covid-19-78-maior-entre-mulheres-negras-do-que-em-brancas-1-25039347>>. Acesso em: 25 abr. 2022.

CRUZ, C.; RAMOS, R. Cinco casos de violência contra a mulher foram registrados por dia em 2020, indica pesquisa em cinco estados. **O Globo**, Brasil, 04 abr. 2021. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/celina/cinco-casos-de-violencia-contra-mulher-foram-registrados-por-dia-em-2020-indica-pesquisa-em-cinco-estados-24908444>>. Acesso em: 25 abr. 2022.

DAVIES, S. E.; BENNETT, B. A gendered human rights analysis of Ebola and Zika: locating gender in global health emergencies. **International Affairs**, v.92, n.5, p.1041–1060, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1111/1468-2346.12704>>. Acesso em: 26 mar. 2021.

DIEESE. A inserção das mulheres no mercado de trabalho. **Departamento Inter-sindical de Estadística y Estudios Socio-Económicos**, Brasil, 2020. Disponível em: <<https://www.dieese.org.br/outraspublicacoes/2021/graficosMulheresBrasilRegioes2021.html>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

EFE. ONU alerta que pandemia da Covid-19 está afetando saúde mental das mulheres. **Organização das Nações Unidas**, 21 jul. 2020. Disponível em:

<<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2020/07/21/onu-alerta-que-pandemia-da-covid-19-esta-afetando-saude-mental-das-mulheres.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

FÁVERO, A. A.; CENTENARO, J. B. A pesquisa documental nas investigações de políticas educacionais: potencialidades e limites. **Contrapontos**. v.19, n.1. p.170-184, 2019. Disponível em:

<<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/13579/8591>>. Acesso em: 30 mar. 2021.

FARIAS, H. S. de. O avanço da Covid-19 e o isolamento social como estratégia para redução da vulnerabilidade. **Rev. Espaço e Economia**, n.17, 2020. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/espacoeconomia/11357>>. Acesso em: 23 mar. 2021.

FACHIN, J; ARAUJO, N. C. de; SOUSA, J. C. de. Credibilidade de informações em tempos de COVID-19. **Rev.ista Interamericana de Bibliotecologia**. v. 43, n. 3, eRf3, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.17533/udea.rib.v43n3eRf3>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

FARIA, L. B.; ROLIM, A. C. A.; DONALISIO, M. R. A febre maculosa brasileira e o discurso da mídia impressa: perspectivas de atores envolvidos. **Interface**, Botucatu, v. 24, e190784, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/interface.190784>>. Acesso em: 26 abr. 2021.

FARO, A. *et al.* COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. **Estud. psicol.**, Campinas, v. 37, e200074, 2020. Disponível em:<<https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200074>>. Acesso em: 26 mar. 2021.

FERGUSON, N. M. *et al.* Report 9: Impact of non-pharmaceutical interventions (NPIs) to reduce COVID19 mortality and healthcare demand. **Imperial College COVID-19**, London, p.1–20, 2020. Disponível em:<<https://doi.org/10.25561/77482>>. Acesso em: 30 mar. 2021.

FERREIRA, I. Pandemia piora condições de saúde de mulheres em remissão do câncer de mama. **UOL**, Brasil, 23 jan. 2021b. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/01/23/pandemia-piora-condicoes-de-saude-de-mulheres-em-remissao-do-cancer-de-mama.htm>>. Acesso em: 25 abr. 2022.

FERREIRA, I. Mulheres foram mais afetadas emocionalmente pela pandemia. **UOL**, Brasil, 14 fev. 2021a. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/02/14/mulheres-foram-mais-afetadas-emocionalmente-pela-pandemia.htm>>. Acesso em: 25 abr. 2022.

FERREIRA, P. Ministério da Saúde recomenda que mulheres adiem gravidez devido à pandemia. **O Globo**, Brasil, 16 abr. 2021c. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/ministerio-da-saude-recomenda-que-mulheres-adiem-gravidez-devido-pandemia-24974423>>. Acesso em: 25 abr. 2022.

FRANÇA, T.; RABELLO, E. T.; MAGNAGO, C. As mídias e as plataformas digitais no campo da Educação Permanente em Saúde: debates e propostas. **Saúde debate**, Rio de Janeiro, v.43, p.106-115, ago. 2019. Disponível em:< <https://doi.org/10.1590/0103-11042019s109>>. Acesso em: 26 abr. 2021.

FREDERIKSEN, L. S. F. *et al.* The Long Road Toward COVID-19 Herd Immunity: Vaccine Platform Technologies and Mass Immunization Strategies. **Front Immunol**, v.21, n.11, p.1817, 2020. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32793245/>>. Acesso em: 30 mar. 2021.

FIOCRUZ. Grávidas e puérperas brasileiras são as que mais morrem por coronavírus. **Fundação Oswaldo Cruz**, 2020. Disponível em: <<https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/atencao-mulher/gestantes-puerperas-morrem-por-coronavirus-no-brasil/>>. Acesso em: 26 mar. 2021.

FOLHA. Desigualdade global na vacinação anti-Covid é grotesca, critica OMS. **Folha de São Paulo**, Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/03/desigualdade-global-na-vacinacao-anti-covid-e-grotesca-critica-oms.shtml>>. Acesso em: 30 mar. 2021.

FORNARI, L. F. *et al.* Violência doméstica contra a mulher na pandemia: estratégias de enfrentamento divulgadas pelas mídias digitais. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 74, supl. 1, e20200631, 2021. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003471672021000800202&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003471672021000800202&script=sci_arttext&tlng=pt)>. Acesso em: 11 nov. 2020.

FURLANETO, A. Em meio ao aumento da violência sexual na pandemia, grupo luta pelo direito ao aborto legal à distância. **O Globo**, 2021a. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/celina/em-meio-ao-aumento-da-violencia-sexual-na-pandemia-grupo-luta-pelo-direito-ao-aborto-legal-distancia-25058413>>. Acesso em: 25 abr. 2022.

FURLANETO, A. Pandemia faz crescer pobreza menstrual, e a mobilização para combatê-la. **O Globo**, Brasil, 16 mai. 2021b. 16. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/celina/pandemia-faz-crescer-pobreza-menstrual-a-mobilizacao-para-combate-la-25019030>>. Acesso em: 25 abr. 2022.

G1. Secretaria de Saúde confirma 1º caso de coronavírus na Bahia. **G1**, 2020b. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/03/06/secretaria-de-saude-confirma-1o-caso-de-coronavirus-na-bahia.ghtml>>. Acesso em: 23 mar. 2021.

G1. Primeiro caso confirmado de Covid-19 no Brasil ocorreu em SP e completa seis meses nesta quarta. **G1**, 2020a ago. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/08/26/primeiro-caso-confirmado-de-covid-19-no-brasil-ocorreu-em-sp-e-completa-seis-meses-nesta-quarta.ghtml>>. Acesso em: 23 mar. 2021.

G1. Autônomos e informais são os mais vulneráveis no cenário de incerteza causado pelo coronavírus. **G1**, Brasil, 24 mar. 2020b. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/03/24/autonomos-e-informais-sao-os-mais-vulneraveis-no-cenario-de-incerteza-causado-pelo-coronavirus.ghtml>>. Acesso em: 26 mar. 2021.

G1. Coronavírus no mundo: países adotam medidas restritivas contra disseminação do vírus. **G1**, 2020c. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/02/02/coronavirus-no-mundo-paises-adotam-medidas-restritivas-contradiseminacao-do-virus.ghtml>. Acesso em: 30 mar. 2021.

G1. 'Não tenham medo', diz Mônica Calazans, 1ª pessoa a ser vacinada no Brasil. **G1**, 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/01/17/nao-tenham-medo-diz-monica-calazans-1a-pessoa-a-ser-vacinada-no-brasil.ghml>>. Acesso em: 30 mar. 2021.

GARCIA, L. P.; DUARTE, E. Infodemia: excesso de quantidade em detrimento da qualidade das informações sobre a COVID-19. **Epidemiol. Serv. Saúde**. Brasília, v.29, n.4, e2020186, set. 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/s1679-49742020000400019>>. Acesso em: 01 abr. 2021.

GARCIA, M. P.; CARDOSO, J. M. Deu zika na rede: uma análise sobre a produção de sentidos sobre a epidemia de zika e microcefalia no Facebook. **Revista Mídia e Cotidiano**, v. 13, n. 1. abr. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/28138/16502>>. Acesso em: 01 abr. 2021.

GARCIA, J. Produção científica de mulheres despenca na pandemia --de homens, bem menos. **UOL**, 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2020/05/26/pandemia-pode-acentrar-disparidade-entre-homens-e-mulheres-na-ciencia.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

GOES, E. F.; RAMOS, D. de O.; FERREIRA, A. J. F. Desigualdades raciais em saúde e a pandemia da Covid-19. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, e00278110, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/Interface.190381>>. Acesso em: 11 nov. 2020.

GUEDES, M. de C.; ALVES, J. E. D. A população feminina no mercado de trabalho entre 1970- 2000: particularidades do grupo com nível universitário. **ABEP**, 24 set. 2004. Disponível em: <<http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/viewFile/1307/1271>>. Acesso em: 26 mar. 2021.

HONORATO, B. E. F.; OLIVEIRA, A. C. S. População em situação de rua e COVID-19. **Rev. Adm. Pública**, Rio de Janeiro, v. 54, n. 4, p. 1064-1078, ago. 2020. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003476122020000401064&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003476122020000401064&script=sci_arttext)>. Acesso em: 30 mar. 2021.

GURGEL, A. do M. *et al.* Estratégias governamentais para a garantia do direito humano à alimentação adequada e saudável no enfrentamento à pandemia de Covid-19 no Brasil. **Ciênc. Saúde Colet.** v.25, n.12. dez. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-812320202512.33912020>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

HASSAN, T. A. *et al.* Firm-level exposure to epidemic diseases Covid-19, Sars, and H1N1. **National Bureau of Economic Research**. v. 2697, n. 1, p.1-67, 2020. Disponível em: <<http://www.nber.org/papers/w26971>>. Acesso em: 24 abr. 2022.

IBGE. Taxa de desocupação é de 11,2% e taxa de subutilização é 23,2% no trimestre encerrado em janeiro de 2020. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, Brasil, 28 fev. 2020. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/26978-taxa-de-desocupacao-e-de-11-2-e>>

taxa-de-subutilizacao-e-23-2-no-trimestre-encerrado-em-janeiro-de-2020>. Acesso em: 20 abr. 2022.

IPEA. Os Efeitos sobre grupos sociais e territórios vulnerabilizados das medidas de enfrentamento à crise sanitária da Covid-19. Nota Técnica n. 33. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**, Brasil, 2020. Disponível em: <<http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/9839>>. Acesso em: 23 mar. 2021.

IPEA. Trabalho remoto no Brasil em 2020 sob a pandemia do Covid-19: quem, quantos e onde estão? Nota Técnica n° 52. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**, Brasil, 2020. Disponível em: <[https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/210714\\_nota\\_trabalho\\_remoto.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/210714_nota_trabalho_remoto.pdf)>. Acesso em: 20 abr. 2022.

JOHN, N. *et al.* Lessons Never Learned: Crisis and gender-based violence. **Dev. World Bioeth.**, v.20, n.2, p.65-68, 2020. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32267607/>>. Acesso em: 11 nov. 2020.

JUNIOR-LIMA, E. B. *et al.* Análise documental como percurso metodológico na pesquisa qualitativa. **Cadernos da Fucamp**. v. 20 n. 44, 2021. Disponível em: <<https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2356>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

LERNER, K.; GRADELLA, P. de A. Mídia e pandemia: os sentidos do medo na cobertura de influenza H1N1 nos jornais cariocas. **Revista do Programa de Pós-Graduação da UFRJ** (dossiê: comunicação e catástrofe), v.14, n.2, 2012. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/3850/1/446-1514-1-PB.pdf>>. Acesso em: 01 abr. 2021.

LEMOS, A. H. da C.; BARBOSA, A. de O.; MONZATO, P. P. Mulheres em *home office* durante a pandemia da covid-19 e as configurações do conflito trabalho-família. **Rev. adm. empres**, São Paulo, v.60, n.6, p.388-399, dez. e2020. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003475902020000600388&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003475902020000600388&script=sci_arttext)>. Acesso em: 26 mar. 2021.

LOTTA, G. *et al.* Nota técnica: A pandemia de Covid-19 e os profissionais de saúde pública no Brasil. **Fundação Getúlio Vargas Núcleo de Estudos da Burocracia (NEB)**, mai. 2021. Disponível em: <<https://ieps.org.br/wp-content/uploads/2020/06/rel01-saude-covid-19-depoimentos.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2021.

LIMA, D. da C.; OLIVEIRA, T. Negras in tech: apropriação de tecnologias por mulheres negras como estratégias de resistência. **Cad. Pagu**, n.59. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/18094449202000590006>>. Acesso em: 24 abr. 2022.

LIRA, M. O. de S. C. *et al.* Repercussões da covid-19 no cotidiano da mulher: reflexões sob o olhar sociológico de Michel Maffesoli. **Enferm. Foco**, v.11, n.2, p.231-235, 2020. Disponível em: <<http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/4112/1011>>. Acesso em: 11 nov. 2020.

MALTA, R. B. *et al.* Crise dentro da crise: a pandemia da violência de gênero. **Soc. estado**. v.36, n.03. set/dez. 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s0102-6992-202136030001>>. Acesso em: 24 abr. 2022.

MARTINS, E. Pandemia reforça desigualdade no tempo de convívio entre mães e filhos. **O Globo**, Brasil, 02 jul. 2021. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/saude/pandemia-reforca-desigualdade-no-tempo-de-convivio-entre-maes-filhos-25086566>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

MIRANDA, F. M. D'A. *et al.* Condições de trabalho e o impacto na saúde dos profissionais de enfermagem frente a Covid-19. **Cogitare enferm**. v.25, 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5380/ce.v25i0.72702>>. Acesso em: 26 mar. 2021.

MINAYO, M. C. de S.; COSTA, A. P. Fundamentos Teóricos das Técnicas de Investigação Qualitativa. **Revista Lusófona de Educação**, 40, 139-153, 2018. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/328403919\\_Fundamentos\\_Teoricos\\_das\\_Tecnicas\\_de\\_Investigacao\\_Qualitativa](https://www.researchgate.net/publication/328403919_Fundamentos_Teoricos_das_Tecnicas_de_Investigacao_Qualitativa)>. Acesso em: 30 mar. 2021.

MODESTO, A. A. D'A. *et al.* Um novembro não tão azul: debatendo rastreamento de câncer de próstata e saúde do homem. **Interface**, Botucatu, v. 22, n. 64, p. 251-262, mar. 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1807-57622016.0288>>. Acesso em: 30 abr. 2021.

MOREIRA, L. E. *et al.* Mulheres em tempos de pandemia: um ensaio teórico-político sobre a casa e a guerra. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v.32, e020014, 2020. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010271822020000100413](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010271822020000100413)>. Acesso em: 11 nov. 2020.

MOREIRA, F. Mulheres que perderam emprego na pandemia recorrem à prostituição em SP. **UOL**, 2021. Disponível em: <<https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2021/04/19/desempregadas-pela-pandemia-mulheres-recorrem-a-prostituicao-em-sao-paulo.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

MONTEIRO, A. P. T. de A. V.; CURADO, M. Por uma nova epistemologia da enfermagem: um cuidar post-humano? **Revista de Enfermagem Referência**, Coimbra, v.4, n. 8, p. 141-148, mar. 2016. Disponível em: <[https://repositorio.esenfc.pt/rr/index.php?module=rr&target=publicationDetails&pesquisa=reabilita%E7ao&id\\_artigo=2578&id\\_revista=24&id\\_edicao=90](https://repositorio.esenfc.pt/rr/index.php?module=rr&target=publicationDetails&pesquisa=reabilita%E7ao&id_artigo=2578&id_revista=24&id_edicao=90)>. Acesso em: 26 mar. 2021.

MONTICELLI, T. Divisão sexual do trabalho, classe e pandemia: novas percepções? **Soc. estado**. v.36, n.1. jan/abr. 2021, Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s0102-6992-202136010005>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

NASCIMENTO, I. J. B. *et al.* Clinical characteristics and outcomes among Brazilian patients with severe acute respiratory syndrome coronavirus 2 infection: an observational retrospective study. **São Paulo Med. J.**, São Paulo, v. 138, n. 6, p. 490-497, dez. 2020. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S151631802020005028202&script=sci\\_abstract](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S151631802020005028202&script=sci_abstract)>. Acesso em: 26 mar. 2021.

NASSIF, V. M. J. *et al.* Estão os empreendedores e as pequenas empresas preparadas para as adversidades contextuais? Uma reflexão à luz da pandemia do COVID-19. **Editoria Regepe**, v.9, n.2. jan/abr. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7608263>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

NETA, A. A. C.; CARDOSO, B. L. C. O uso do software IRAMUTEQ na análise de dados em pesquisa qualitativa ou quali-quantitativa. **Cenas Educacionais**, v. 4, e11759. 2021. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/11759>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

NOGUEIRA, C. M.; PASSOS, R. G. Divisão sociosexual e racial do trabalho no cenário de epidemia do covid-19: considerações a partir de Heleieth Saffioti. **Caderno CrH, Salvador**, v.33, p.1-9, e020029. 2021. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.9771/ccrh.v33i0.36118>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

O GLOBO. A História do jornal O GLOBO desde a sua fundação. **O Globo**, Brasil, 2020a. Disponível em: <[memoria.oglobo.globo.com](http://memoria.oglobo.globo.com)>. Acesso em: 30 mar. 2021.

O GLOBO. História do GLOBO é pautada pelo pioneirismo e pela missão de informar. **O Globo**, Brasil, 29 jul. 2020b. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/95-anos/historia-do-globo-pautada-pelo-pioneirismo-pela-missao-de-informar-24554842>>. Acesso em: 30 mar. 2021

O GLOBO. O GLOBO lança Celina, uma plataforma sobre mulheres e diversidade. **O Globo**, Brasil, 08 mar. 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/celina/o-globo-lanca-celina-uma-plataforma-sobre-mulheres-diversidade-23506999>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

O GLOBO. O GLOBO foi o jornal mais lido do país em 2020. **O Globo**, 2021a. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/o-globo-foi-jornal-mais-lido-do-pais-em-2020-24906502>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

O GLOBO. O GLOBO foi o jornal mais lido do país em 2021. **O Globo**, 2022. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/o-globo-foi-jornal-mais-lido-do-pais-em-2021-25376960>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

O GLOBO. Coronavírus: pandemia deve aumentar a diferença salarial entre homens e mulheres. **O Globo**, 2020c. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/celina/coronavirus-pandemia-deve-aumentar-diferenca-salarial-entre-homens-mulheres-24340927>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

O GLOBO. Brasil registrou 105 mil denúncias de violência contra a mulher em 2020; quase 300 por dia. **O Globo**, 2021b. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/celina/brasil-registrou-105-mil-denuncias-de-violencia-contra-mulher-em-2020-quase-300-por-dia-24913830>>. Acesso em: 25 abr. 2022.

O GLOBO. Infância interrompida: Brasil é o 5º país no mundo em número de casamentos de crianças e adolescentes. **O Globo**, 2021c. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/direitos-humanos/infancia-interrompida-brasil-o-5->>

pais-no-mundo-em-numero-de-casamentos-de-criancas-adolescentes-25187866>.  
Acesso em: 25 abr. 2022.

OLIVA, G. Coronavírus: quatro enfermeiras relatam o cotidiano exaustivo de quem está na linha de frente do combate à Covid-19. **O Globo**, 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/celina/coronavirus-quatro-enfermeiras-relatam-cotidiano-exaustivo-de-quem-esta-na-linha-de-frente-do-combate-covid-19-24368377>>. Acesso em: 25 abr. 2022.

ONU MULHERES. Gênero e COVID-19 na América Latina e no Caribe: dimensões de gênero na resposta. **Organização das Nações Unidas Mulheres**, 2020. Disponível em: <[https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/03/ONUMULHERES-COVID19\\_LAC.pdf](https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/03/ONUMULHERES-COVID19_LAC.pdf)>. Acesso em: 26 mar. 2021.

OPPENHEIM, M. Estudo inédito conclui que pandemia de coronavírus desencadeou uma crise global na saúde mental das mulheres. **O Globo**, 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/celina/estudo-inedito-conclui-que-pandemia-de-coronavirus-desencadeou-uma-crise-global-na-saude-mental-das-mulheres-24655441>. Acesso em: 20 abr. 2022.

OKABAYASHI, N. Y. T. *et al.* Violência contra a mulher e feminicídio no Brasil - impacto do isolamento social pela COVID-19. **Braz. J. Hea. Rev.**, Curitiba, v. 3, n. 3, p.4511-4531 mai./jun. 2020. Disponível em: <<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/9998>>. Acesso em: 11 nov. 2020.

OLIVEIRA, W. K. de *et al.* Como o Brasil pode deter a COVID-19. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 29, n. 2, e2020044, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.5123/s1679-49742020000200023>>. Acesso em: 01 abr. 2021.

PAHO. Pan American Health Organization / World Health Organization. OMS afirma que COVID-19 é agora caracterizada como pandemia. **Pan American Health Organization**, 2020. Disponível em: <<http://www.paho.org/pt>>. Acesso em: 23 mar. 2021.

PAHO. Violência contra as mulheres. **Pan American Health Organization**, 2022. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/topics/violence-against-women>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

PIMENTA, D. Pandemia é coisa de mulher: breve ensaio sobre o enfrentamento de uma doença a partir das vozes e silenciamentos femininos dentro das casas, hospitais e na produção acadêmica. **Revista de Antropologia e Arqueologia**, v.8, n.1, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/tessituras/article/view/18900/11446>>. Acesso em: 26 mar. 2021.

PEREIRA, M. D. P. *et al.* Movimento #StayHome para contenção de COVID-19: será que é uma opção para grupos em situação de vulnerabilidade social? **Thema**, v. 18, p.259-277, 2020. Disponível em: <<http://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/1821/1574>>. Acesso em: 30 mar. 2021.

PIRES, L. N.; CARVALHO, L.; XAVIER, L. de L. COVID-19 e desigualdade: a distribuição dos fatores de risco no Brasil. **Experiment Findings**, abr. 2020. Disponível em: <<https://10.13140/RG.2.2.27014.73282>>. Acesso em: 30 mar. 2021.

PONTE. Um vírus e duas guerras: na pandemia, três mulheres foram vítimas de feminicídio por dia. **Ponte**, 2021. Disponível em: <<https://ponte.org/um-virus-e-duas-guerras-violencia-mulher-pandemia-femicidio/>>. Acesso em: 26 mar. 2021.

PNAD. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad contínua). **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <[https://ftp.ibge.gov.br/Trabalho\\_e\\_Rendimento/Pesquisa\\_Nacional\\_por\\_Amostra\\_de\\_Domicilios\\_continua/Trimestral/M](https://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Trimestral/M)>. Acesso em: 20 abr. 2022.

RAMOS, R. Coronavírus: como a crise provocada pela Covid-19 impacta as mulheres negras no mercado de trabalho. **O Globo**, 2020a. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/celina/coronavirus-como-crise-provocada-pela-covid-19-impacta-as-mulheres-negras-no-mercado-de-trabalho-24361617>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

RAMOS, R. Coronavírus: isolamento domiciliar pode aumentar sobrecarga das mulheres. **O Globo**, 2020b. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/celina/coronavirus-isolamento-domiciliar-pode-aumentar-sobrecarga-das-mulheres-24339243>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

RAMOS, R. A desafiadora (e sobrecarregada) rotina das mães solo durante a quarentena. **O Globo**, 2020c. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/celina/a-desafiadora-sobrecarregada-rotina-das-maes-solo-durante-quarentena-24450263>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

RAMOS, R. Saúde mental: mulheres têm mais risco de apresentar sofrimento psicológico relacionado à Covid-19. **O Globo**, 2020d. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/celina/saude-mental-mulheres-tem-mais-risco-de-apresentar-sofrimento-psicologico-relacionado-covid-19-24485689>>. Acesso em: 25 abr. 2022.

RANGEL-S, M. L. Epidemia e mídia: sentidos construídos em narrativas jornalísticas. **Saúde soc.**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 5-17, dez. 2003. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-12902003000200002>>. Acesso em: 01 abr. 2021.

RATTEN, V. Coronavirus (covid-19) and entrepreneurship: changing life and work landscape. **Journal of Small Business & Entrepreneurship**. v.32, n.5, p.503-516, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/08276331.2020.1790167>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

REUTERS. Pandemia do novo coronavírus terá 'impacto catastrófico' para mulheres no mundo inteiro, alerta ONU. **O Globo**, Brasil, 28 abr. 2021. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/celina/pandemia-do-novo-coronavirus-tera-impacto-catastrofico-para-mulheres-no-mundo-inteiro-alerta-onu-24398284>>. Acesso em: 25 abr. 2022.

MILNE, A. 'Eu não tive escolha': crise econômica em consequência do coronavírus aumenta troca de sexo por moradia. **O Globo**, 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/celina/eu-nao-tive-escolha-crise-economica-em->

consequencia-do-coronavirus-aumenta-troca-de-sexo-por-moradia-24440644>. Acesso 25 abr. 2022.

RIBEIRO, A. Apesar de homens morrerem mais pela Covid-19, brasileiras são as mais impactadas no dia a dia da pandemia. **O Globo**, 2021. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/celina/apesar-de-homens-morrerem-mais-pela-covid-19-brasileiras-sao-as-mais-impactadas-no-dia-dia-da-pandemia-24902333>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

RIBEIRO, L.; SILVA, B. O coronavírus, as mulheres e o lar: uma combinação explosiva? **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**. Reflexões da pandemia, Brasil, p.1-14, 2020. Disponível em: <<https://www.reflexpandemia.org/texto-86>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

RISK, E. N.; SANTOS, M. A. dos. estudos culturais, pesquisa qualitativa e mídias: critérios metodológicos para análise de dados audiovisuais. **Psicol. Soc.**, v.33, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-0310/2021v33234657>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

RUFINO, R. *et al.* Surtos de diarreia na região Nordeste do Brasil em 2013, segundo a mídia e sistemas de informação de saúde – Vigilância de situações climáticas de risco e emergências em saúde. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v.21, n.3, p.777-788, mar. 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232015213.17002015>>. Acesso em: 26 abr. 2021.

SANTOS, M. P. A. *et. al.* População negra e Covid-19: reflexões sobre racismo e saúde. **Estud. av.**, São Paulo, v. 34, n. 99, p. 225-244, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.014>>. Acesso em: 26 mar. 2021.

SANTANA, A. À espera da vacina: profissionais negras são as mais afetadas pela pandemia. **UOL**, 2021. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/andre-santana/2021/01/30/a-espera-da-vacina-profissionais-negras-sao-as-mais-afetadas-pela-pandemia.htm>>. Acesso 25 abr. 2022.

SAKAMOTO, L. Da violência doméstica ao desemprego, coronavírus é mais cruel com mulheres. **UOL**, 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2020/04/18/violencia-domestica-desemprego-a-covid-19-e-mais-violenta-contramulheres.htm>>. Acesso em: 25 abr. 2022.

SCATOLINI, A. Média semanal de mortes por Covid-19 entre grávidas e mulheres no pós-parto triplica em 2021. **O Globo**, 2021. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/saude/media-semanal-de-mortes-por-covid-19-entre-gravidas-mulheres-no-pos-parto-triplica-em-2021-25016018>>. Acesso em: 25 abr. 2022.

SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA. Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia. **Mulheres na Pandemia**, 2020. Disponível em: [https://mulheresnapanademia.sof.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Relatorio\\_Pesquisa\\_SemParar.pdf](https://mulheresnapanademia.sof.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Relatorio_Pesquisa_SemParar.pdf). Acesso em: 20 abr. 2022.

SHARMA, V. *et al.* Priorizando populações vulneráveis e mulheres na linha de frente: COVID-19 em contextos humanitários. **Int J Equity Health**, v. 13, n. 19 p. 1-66, 2020.

Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32404178/>>. Acesso em: 30 mar. 2021.

SOUSA, A. C. L. *et al.* A pandemia da Covid-19 e o adoecimento mental da gestante. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 15, e329101522656, 2021. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i15.22656>>. Acesso em: 25 abr. 2022.

SILVA, B. P. R.; VELOSO, J. C. S.; SÁ, V. A. G. Consumo de mídia durante a pandemia. **Anais do Congresso Nacional Universidade, EAD e Software Livre**, v.2, n. 11, 2020. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/ueadsl/article/view/17554/1125613587>>. Acesso em: 11 nov. 2020.

SILVA, V. de A.; SOARES, M. H. F. B. O uso das tecnologias de informação e comunicação no ensino de Química e os aspectos semióticos envolvidos na interpretação de informações acessadas via web. **Ciênc. educ.**, Bauru, v.24, n.3, p.639-657, set. 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1516-731320180030007>>. Acesso em: 26 abr. 2021.

SILVA, A. *et al.* A violência homofóbica no Rio de Janeiro a partir do jornalismo digital. **Interface**, Botucatu, v. 24, e190381, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/interface.190381>>. Acesso em: 26 abr. 2021.

CROCHEMORE-SILVA, I. *et al.* Prática de atividade física em meio à pandemia da COVID-19: estudo de base populacional em cidade do sul do Brasil. **Ciênc. saúde coletiva**. v.25, n.11, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-812320202511.29072020>>. Acesso em: 25 abr. 2022.

SIMEÃO, S. de S. S. *et al.* A difusão do câncer de mama em mulheres na mídia impressa. **Psicologia e Saber Social**, v. 5, n. 2, p. 142-155, 2016. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/psisabersocial/article/viewFile/24962/19729>>. Acesso em: 30 abr. 2021.

SOUZA, D. de O. A pandemia de COVID-19 para além das Ciências da Saúde: reflexões sobre sua determinação social. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, supl. 1, p. 2469-2477, e2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.11532020>>. Acesso em: 23 mar. 2021.

SOUSA, Y. S. O.; SANTOS, M. de F. de S.; APOSTOLIDIS, T. Drogas no Espaço Público: Consumo, Tráfico e Política na Imprensa Brasileira. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 40, e201819, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-3703003201819>>. Acesso em: 01 abr. 2021

SOUZA, A. S. R.; SOUZA, G. F. de A.; PRACIANO, G. de A. F. A saúde mental das mulheres em tempos da COVID-19. **Rev. Bras. Saúde Mater. Infant.**, Recife, v. 20, n. 3, p. 659-661, set. 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1806-93042020000300001>>. Acesso em: 18 abr. 2021.

SOUSA, J. R. de; SANTOS, S. C. M. dos. Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. **Pesquisa e Debate em Educação**, Juiz de Fora: UFJF, v.10, n.2, p. 1396-416, jul./dez. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.34019/2237-9444.2020.v10.31559>>. Acesso em: 30 mar. 2021.

SOUTO, L. Sem beijo, de máscara: prostitutas criam regras para trabalhar na pandemia. **UOL**, 2021. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/03/25/so-de-costas-trabalhadoras-sexuais-adotam-protocolo-para-poder-trabalhar.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

SOARES, J. Mulheres e negros são os mais afetados pela covid-19 no Brasil, aponta IBGE. **UOL**, Brasil, 24 jul. 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/deutsche-welle/2020/07/24/mulheres-e-negros-sao-os-mais-afetados-pela-covid-19-no-brasil-aponta-ibge.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

SOUZA, M. A. R. *et al.* O uso do software IRAMUTEQ na análise de dados em pesquisas qualitativas. **Rev. Esc. Enferm. USP**, São Paulo, v.52, e03353, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s1980-220x2017015003353>>. Acesso em: 30 mar. 2021.

TAUB, A. Pandemia vai tirar das mulheres 10 anos de avanços no mercado de trabalho. **O Globo**, 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/celina/pandemia-vai-tirar-das-mulheres-10-anos-de-avancos-no-mercado-de-trabalho-24667286>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

TAKEMOTO, M. L. S. *et al.* The tragedy of COVID-19 in Brazil: 124 maternal deaths and counting. **International Journal of Gynecology and Obstetrics**, vol. 151, n.1, 0154-156, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1002/ijgo.13300>>. Acesso em: 26 mar. 2021.

TEIXEIRA, R. A importância da mídia para a saúde da população. **Observatório da imprensa**. v.711, n.1136, 2021. Disponível em: <[http://www.observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/\\_ed711\\_a\\_importancia\\_da\\_midia\\_para\\_a\\_saude\\_da\\_populacao/](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/_ed711_a_importancia_da_midia_para_a_saude_da_populacao/)>. Acesso em: 30 abr. 2021.

TOLEDO, K. Inatividade física na pandemia piorou saúde de mulheres entre 50 e 70 anos. **UOL**, 2021, Disponível em: <<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/05/18/inatividade-fisica-na-pandemia-piorou-saude-de-mulheres-entre-50-e-70-anos.htm>>. Acesso em: 25 abr. 2022.

UOL. Medidas adotadas por países contra a Covid-19. **UOL**, 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2020/03/25/medidas-adotadas-por-paises-contr-a-covid-19.amp.htm>>. Acesso em: 30 mar. 2021.

UOL. O Grupo UOL é a maior empresa brasileira de conteúdo, tecnologia, serviços e meios de pagamentos. **UOL**, s.d. Disponível em: <<https://sobreuol.noticias.uol.com.br/historia/>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

UOL. UOL apresenta Universa, sua nova plataforma feminina. **UOL**. Disponível em: <<https://sobreuol.noticias.uol.com.br/imprensa/uol-apresenta-universa-sua-nova-plataforma-feminina.html>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

UOL. Com vacinação alta, novembro tem 94% menos mortes que pico de covid no país. **UOL**, 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/12/17/com-vacinacao-alta-novembro-tem-94-menos-mortes-que-pico-de-covid-no-pais.htm>. Acesso em: 20 abr. 2022.

USP. O jornalismo em tempos de pandemia. **Universidade de São Paulo**, São Paulo, 27 mai. 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/o-jornalismo-em-tempos-de-pandemia/>. Acesso em: 01 abr. 2021

VALERIANO, M. M.; TOSTA, T. L. D. Trabalho e família de trabalhadoras domésticas em tempos de pandemia: uma análise interseccional. **Rev. Ciênc. Soc.** v.21, n.3. Set/Dez, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2021.3.4057>. Acesso em: 20 abr. 2022.

VASCONCELOS, V. A. de. Coronavírus e violência de gênero contra a mulher no espaço doméstico: pandemias cruzadas. **Cadernos De Informação Jurídica (Cajur)**, v.7, n.1, p.62–84. Disponível em: <http://www.cajur.com.br/index.php/cajur/article/view/266/335>. Acesso em: 11 nov. 2020.

VILLELA, E. F. de M.; NATAL, D. Mídia, saúde e poder: um jogo de representações sobre dengue. **Saúde soc.**, São Paulo, v. 23, n. 3, p.1007-1017, 2014. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12902014000301007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902014000301007&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 11 nov. 2020.

VEIGA, E. Como mulheres brasileiras se desdobram na pandemia. **UOL**, Brasil, 08 mar. 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2021/03/08/como-mulheres-brasileiras-se-desdobram-na-pandemia.htm>. Acesso em: 20 abr. 2022.

VILELA, R. B.; RIBEIRO, A.; BATISTA, N. A. Nuvem de palavras como ferramenta de análise de conteúdo: uma aplicação aos desafios do ensino no mestrado profissional. **Millenium**. v. 2, n.1, p.29-36. 2020. Disponível em: <https://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/6637/1/3-art-NUVEM%20DE%20PALAVRAS-Rosana%20Vilela-educa%20c3%a7%20c3%a3o-PT.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2022.

WENHAM, C.; SMITH, J.; MORGAN, R. Covid-19 is an opportunity for gender equality within the workplace and at home. **BMJ**, Reino Unido, v.369, n.1546, 2020. Disponível em: <https://www.bmj.com/content/bmj/369/bmj.m1546.full.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2020.

WINGFIELD-HAYES, R. Coronavírus: o alarmante aumento dos suicídios de mulheres durante a pandemia no Japão. **UOL**, Brasil, 24 fev. 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/bbc/2021/02/24/coronavirus-o-alarmante-aumento-dos-suicidios-de-mulheres-durante-a-pandemia-no-japao.htm>. Acesso em: 25 abr. 2022.

WU, F. *et al.* A new coronavirus associated with human respiratory disease in China. **Nature**, v.579, p.265–269, 2020. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41586-020-2008-3>. Acesso em: 23 mar. 2021.

XAVIER, A. R. *et al.* COVID-19: manifestações clínicas e laboratoriais na infecção pelo novo coronavírus. **J. Bras. Patol. Med. Lab.**, Rio de Janeiro, v. 56, e3232020, 2020. Disponível em: <[https://www.scielo.br/pdf/jbpml/v56/pt\\_1676-2444-jbpml-56-e3232020.pdf](https://www.scielo.br/pdf/jbpml/v56/pt_1676-2444-jbpml-56-e3232020.pdf)>. Acesso em: 23 mar. 2021.

XUE, J. *et al.* The Hidden Pandemic of Family Violence During COVID-19: Unsupervised Learning of Tweets. **J Med**, v. 22, n.11, e24361, 2020. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33108315/>>. Acesso em: 11 nov. 2020.

ZANETTI, D.; REIS, R. Comunicação e informação num contexto de pandemia e isolamento social. **Cat/Grudi-UFES**, 2020. Disponível em: <[https://www.ufes.br/sites/default/files/anexo/comunicacao\\_coronavirus-ufes.pdf](https://www.ufes.br/sites/default/files/anexo/comunicacao_coronavirus-ufes.pdf)>. Acesso em: 01 abr. 2021